



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Isabela Nunes Pizzotti Ferreira*

**Riscos, cortes e o furo: notas sobre a inscrição do corpo de uma  
adolescente**

**UBERLÂNDIA**

**2021**

*Isabela Nunes Pizzotti Ferreira*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicanálise e Cultura

Orientador Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini

**UBERLÂNDIA**

**2021**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F383  
2021

Ferreira, Isabela Nunes Pizzotti, 1989-  
Riscos, cortes e o furo: notas sobre a particularidade  
do corpo de uma adolescente [recurso eletrônico] :  
Riscos, cortes e o furo: notas sobre a particularidade  
do corpo de uma adolescente / Isabela Nunes Pizzotti  
Ferreira. - 2021.

Orientador: João Luiz Leitão Paravidini .  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.640>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Psicologia. I. , João Luiz Leitão Paravidini, 1961-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-  
graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



### ATA DE REUNIÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 387, PGPSI				
Data:	Dez de dezembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	13:30	Hora de encerramento:	15:15
Matrícula do Discente:	11912PSI008				
Nome do Discente:	Isabela Nunes Pizzotti Ferreira				
Título do Trabalho:	"Riscos, cortes e o furo: notas sobre a particularidade do corpo de uma adolescente"				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Psicanálise e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A constituição do psiquismo e a lógica da ternariedade na formação subjetiva contemporânea				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Sybele Macedo - Uniessa; Elzilaine Domingues Mendes - UFCAT; João Luiz Leitão Paravidini, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sybele Macedo e a discente Isabela Nunes Pizzotti Ferreira participaram da cidade de Uberlândia - MG e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elzilaine Domingues Mendes participou desde a cidade de Catalão - GO, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. João Luiz Leitão Paravidini, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Luiz Leitão Paravidini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/12/2021, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sybele Macedo, Usuário Externo**, em 10/12/2021, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elzilaine Domingues Mendes, Usuário Externo**, em 10/12/2021, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3186668** e o código CRC **2DCFA3C2**.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, principalmente ao instituto de Psicologia, por ter me proporcionado tantas outras saídas na vida.

Ao João, pela orientação, pela leitura precisa ao meu texto e por incentivar, como ainda nunca tinha visto, a nossa invenção.

À Anamaria, pela transmissão de uma psicanálise que adentra aos territórios e que se presta a escutar as sutilezas.

À Paula, querida Paula! Eu me lembrei tanto de você no percurso do mestrado. Revisitei minhas anotações do nosso grupo “achadouros”. Revi poemas e textos, foi um baita alívio à minha angústia. Obrigada por me questionar em pontos fundamentais da minha existência. Levo traços da sua docência, na docência que pretendo construir.

À Adriana, por todo cuidado e disponibilidade.

Ao grupo de pesquisa, pela sustentação e boas ideias. Principalmente aos queridos amigos Lucas, Sofia, Bruno e Sara, pela confiança e por inventarem comigo, em tempos on-line, um ‘bastidor’ com risadas, choros, desesperos e amparo. Serei sempre grata a vocês.

À Sybele e ao Tiago, pelas importantes contribuições no exame de qualificação que tanto me fizeram pensar. Obrigada por continuarem a contribuir com esse trabalho. À professora Elzilaine, por ter aceitado estar na minha banca de defesa e ajudar no crescimento do meu texto, muito obrigada.

Ao Iuri, por todo amor, por toda parceria, por todo amparo, por toda paciência. Obrigada pela curiosidade no meu trabalho, por me ajudar com a matemática, por sustentar as minhas ausências e por me incentivar a ir além. Vacinados e mestrado finalizado, ‘bora’ cair nesse mundão afora.

Aos meus pais, por sempre me incentivarem a estudar e pela transmissão de um desejo que, mesmo diante às adversidades da vida, segue vivo.

Ao Bruno, à Fernanda, e ao meu sobrinho Bernardo, obrigada pela leveza proporcionada, com cara e cheiro de infância, em tempos tão difíceis.

Às minhas primas, Juliana, Mariana e Paula, pelo suporte, pela escuta, pelo consolo, e por dividirem comigo a caminhada da vida.

À minha grande amiga Xis, pela leveza, pela intensa confiança, pela irmandade.

À minha outra grande amiga Anaisa, pelo incentivo, por acreditar no meu trabalho, pela escuta generosa.

À Luana, pelas inúmeras leituras ao meu texto, pela palavra que acalma e acalenta, pela importante insistência na apresentação de um Lacan mais acessível. Eu tentei, minha amiga! À Isabela, pelas risadas, pelas cervejas, pelo colo e pela palavra amiga. À Daiana pelas gargalhadas e pelo afeto.

Aos meus bons encontros com a psicanálise, à Maria Alzira, à Roberta e à Shnaider. Obrigada por revirarem as minhas certezas e tocarem o meu desejo.

Aos meus pacientes e a participante dessa pesquisa, é com eles e elas que aprendo tanto sobre psicanálise. Registro a vocês meus mais sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Essa pesquisa apresentou, como objeto, o corpo e seus efeitos em uma adolescente. Neste trabalho, o corpo foi abordado a partir da pluralização dos nomes-do-pai, principalmente baseado nas formulações da topologia dos nós de Lacan. Operou-se com o conceito de corpo atravessado pela linguagem. O estudo baseou-se no método psicanalítico cuja construção do caso clínico ocorreu através do recurso topológico da garrafa de Klein. Construiu-se o caso de uma jovem, nomeada de Mariana (17 anos), que promovia frequentes intervenções em seu corpo, sobretudo a inserção de *piercings*. Trabalhou-se com a concepção de adolescência como um período favorável a (re)edição de uma versão paterna. Com base na perspectiva singular do manejo da participante deste estudo com o seu corpo, lançou-se a hipótese se este último poderia exercer o efeito de amarração dos registros psíquicos. Observou-se uma dupla dinâmica sucedida com um corpo: a subjugação e a insubordinação. No caso da adolescente, viu-se a subjugação na sua posição de objeto-dejeto ao gozo do Outro. A insubordinação emergia nas tentativas de se separar da palavra do Outro absoluto. Concluiu-se haver no corpo um artifício subjetivo que impediu a deflagração de uma psicose, mantendo alguma estabilização na existência, decerto que não sem alguns riscos, cortes e furos.

**Palavras-Chave:** corpo; adolescência; nomes-do-pai; intervenções corporais; furos



## ABSTRACT

This research presented, as an object, the body and its effect on a teenager. This work introduced the body from the pluralization of the names-of-the-father, mainly based on Lacan's nodes' topology formulations. It operated as a concept of the body crossed by language. This study was based on the psychoanalytic method, in which the construction of the clinical case occurred through the Klein bottle topology method. The case was built upon a young woman named Mariana (17 years old), who frequently did interventions on her body, especially the insertion of *piercings*. Work was done regarding the concept of adolescence as a favourable period for the (re)editing of paternal versions. Based on the singular perspective of the participant's body handling in this study, it was hypothesized whether it could exert the effect of binding psychic records. A dual dynamic with the body was observed: subjugation and insubordination. In this teenager's case, subjugation was noticed in her position of object-waste for the enjoyment of the Other. Insubordination emerged in attempts to separate from the word of the absolute Other. It was concluded that a subjective artifice in the body prevents the outbreak of a psychosis, maintaining some stabilization in the existence, certainly not without some risks, cuts and holes.

**Keywords:** body; adolescence; father's name, body's interventions; holes

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	01
<b>Capítulo 1: Pressupostos teóricos: em busca de versões de pai</b> .....	09
1.1 Breves Considerações Sobre o Seminário 23.....	09
1.2 A Adolescência e a (Re)edição do Pai .....	12
1.3 As Invenções Paternas Contemporâneas.....	20
<b>Capítulo 2: A Política Do Método</b> .....	30
2.1. As Nuances Políticas na Construção de Casos Clínicos.....	30
2.2 A Construção do Caso Clínico Pela Topologia da Garrafa De Klein.....	36
<b>Capítulo 3: A Construção Do Caso Clínico “Mariana”</b> .....	41
3.1 Mariana, quem tu és?.....	41
3.2 “Entram na Minha Cabeça” .....	47
3.3. As Margens de um Corpo ou um Corpo às Margens?.....	55
3.4 A Insistência de Um Corpo: Efeitos de Existência.....	62
<b>Capítulo 4: No Entre a Clínica e a Política: Discussões Sobre um Corpo</b> .....	69
4.1 Uma Via de Insubordinação .....	71
4.2 Aspectos Sobre o Furo: A Singularidade de Uma Adolescente.....	77
<b>Capítulo 5: Da Topologia à Poética De Mariana: Considerações Finais</b> .....	82
<b>Referências</b> .....	85
<b>Apêndices</b> .....	99

## Introdução

*Onde estão aqueles nomes  
doce como tortas de outrora?  
(Pablo Neruda)*

Nesta introdução descreverei os trilhos percorridos que possibilitaram delinear a minha questão de pesquisa. O intuito é expor a construção da hipótese desta dissertação. Para tal empreitada, fragmentos do meu percurso clínico, atravessado pelo contemporâneo, serão narrados. A intenção de relatar retalhos do caminho profissional, inicialmente expressado em nome próprio, é por compreender que a pesquisa em Psicanálise se faz na lacuna entre o deslize e aquilo que dele é possível esbarrar, pois, quem sabe assim, esbarra-se em efeitos de sujeito. Dessa maneira, na busca por vestígios de sujeito, este estudo se ancora no dizer de Lacan (1966/1998) que convoca o psicanalista a estar implicado na subjetividade de sua época.

Também, ainda instigada pela fala de Lacan (1966/1998), esta pesquisa lança sua investigação ao contemporâneo. Acompanho as interpretações de Birman (2012) sobre as tessituras de nosso tempo. Para o autor, a contemporaneidade apresenta uma deterioração nos signos e códigos, antes norteadores dos sujeitos, agora dotados de impermanência e imprevisibilidade. A queda das certezas, as oscilações no mercado liberal, as mutações nos registros da ciência, arte e economia, participaram destas mudanças. Ou seja, os pontos de ancoragem que orientavam os viventes cederam às discontinuidades. O que acarreta, segundo Birman (2012), transformações na forma como o mal-estar adentra as subjetividades.

É neste contexto de averiguar a subjetividade contemporânea que destaco os anos trabalhados na Atenção Básica (AB) do SUS. Sem dúvidas, eles foram determinantes para galgar a questão de trabalho proposta, só que esmiuçada a posteriori. Por ser alocada no Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), eu compunha duas Estratégias de Saúde da Família

(ESF), isso significa explicitar que trabalhava em dois territórios distintos. Além das diferenças geográficas e econômicas que abarcavam cada área, como as desigualdades no acesso ao lazer, cultura e educação, a forma como exercia o meu manejo clínico era diferente. Cada território me exigia um olhar e uma intervenção. No entanto, algumas práticas, nos dois distritos, estavam sempre presentes: as visitas domiciliares e os grupos terapêuticos.

Eu andava pelas ruas, observava os espaços, as pessoas, as escassezes e as instituições de apoio. Ao mesmo tempo, realizava grupos terapêuticos à população do bairro. Foi a oportunidade de adentrar os territórios periféricos da AB, que deparei com as diversas infâncias, adolescências e famílias. Marco, no plural, infâncias, adolescências e famílias, para destacar que, nesse contexto, uma transformação ocorreu à minha prática analítica; ali ratifiquei a fratura com as noções diagnósticas que tendem ao apagamento da singularidade, e me alinhei aos vários modos de existência, no como cada vivente se enreda na vida.

Enquanto escutava os pacientes, os casos considerados graves pelas equipes de saúde me intrigavam. Acompanhei alguns destes, como as anorexias, bulimias, esquizofrenias, e outros ainda não nomeados pelo saber médico. Eu questionava como esses sujeitos operavam subjetivamente, pois percebia não estar diante de uma estrutura neurótica, mas não poderia afirmar que se tratavam de quadros de psicoses. Ocorre que, nesse tempo, eu ainda interpretava os atendimentos clínicos pela lógica binária do nome-do-pai, ou pelo seu registro na constituição subjetiva ou por sua forclusão. O pai compreendido por mim, fundamental para a subjetivação, ainda se limitava e se restringia ao pai da metáfora paterna.

Sobre o pai da metáfora paterna, no *seminário 5*, Lacan (1988/1999) o aponta como portador da lei simbólica. O autor, entrelaçado por alguns aforismos que o acompanha em toda sua trajetória de estudo, questiona: “o que é o pai?” (p.180). Para ele “o pai é uma metáfora” (p.180), ou seja, um significante que metaforiza o significante materno. Neste primeiro momento, o psicanalista francês compreende o pai sob a égide do complexo de Édipo. Em sua

releitura da trama edipiana, ele elabora uma mudança de paradigma no que tange a presença deste e introduz como essencial a função paterna. Se o pai é presente, ausente, fraco ou forte não se configura como a única essencialidade no campo subjetivo. No entanto, é o pai alocado na palavra de um Outro materno que urde a composição do enredo. É esse Outro articulado no plano da linguagem que sustenta a castração simbólica e a interdição da mãe.

Mas algo persistia em capturar a minha escuta e me instigava a ir adiante, tanto no ensino de Lacan quanto nas análises dos meus casos. Posso mensurar que esse para além do nome-do-pai irrompeu do campo social. No período em que trabalhava na AB, presenciei o conhecido e temido “jogo da baleia azul”. Esse era um *game* que acontecia exclusivamente pelas redes sociais, cujo público alvo eram os adolescentes. Ele contava com 50 desafios que findava no suicídio. Entre um obstáculo e outro, proposta como a automutilação aparecia. Nessa época, vários jovens chegavam aos atendimentos com os braços e as pernas mutilados, outras vezes, uma baleia era desenhada pelo corpo. Isto exigiu providências dos órgãos competentes. O Estado, muitas vezes omissivo, passou a responder a esse “fenômeno” coletivo propondo reuniões conjuntas das escolas com as equipes de saúde. O interessante foi que os encontros entre os dispositivos, sempre tensionados, só começaram a acontecer após essa juventude demonstrar as suas angústias. Eu me perguntava se havia alguma denúncia, uma política engendrada, por parte desses inúmeros adolescentes, à sociedade. Como se, pela via do sofrimento, eles tivessem conseguido ocupar um lugar de acolhimento, de se fazer palavra, de ser sujeito.

Devido à alta demanda por atendimento psicológico, junto com outro psicoterapeuta e amigo, conduzi um grupo que abarcava territórios e escolas diferentes. Os adolescentes que participavam tinham como sintoma os *cuttings* (cortes) e frequentes pensamentos suicidas. Era um grupo aberto a quem precisasse de acolhimento. No andamento do grupo, me via intrigada com o discurso potente destes sujeitos sobre a vida na cidade. Eu me atentava a outras

modificações corporais existentes, como os *piercings*, as tatuagens ou mesmo escritas de poemas em cadernos e em outros membros do corpo, como nos braços e coxas. A forma como esses pacientes lidavam com seus corpos me chamava atenção. Porém, somente ao acompanhar o caso clínico do mestrado, que será descrito posteriormente, é que pude me debruçar pelas questões da corporeidade.

É possível dizer que estar implicada no campo social e clínico situou a minha escuta no *entre* as formações subjetivas contemporâneas e seus atravessamentos pelas questões políticas e sociais. Essa psicanálise implicada é um refinado conceito desenvolvido por Rosa (2016). A autora destaca essa definição diferenciando-a das terminologias em extensão e aplicada. Para ela, a psicanálise implicada está atenta aos discursos totalitaristas e dominantes que provocam no sujeito um desamparo discursivo. Quando algumas narrativas de poder se naturalizam no laço social e excluem o vivente da sua posição desejante, têm-se uma questão de cunho político e clínico. Nesse cenário, cabe ao analista, diante o sofrimento sociopolítico apresentado, atuar no furo, no avesso aos enunciados que capturam e engessam os sujeitos.

Estar engajada no campo social e clínico auxiliou-me a expandir a minha escuta clínica e, por consequência, a prática analítica. Isto foi fundamental para que eu pudesse aprender e me aliar à imensa complexidade da pluralização dos nomes-do-pai tecida por Lacan (1963/2005). Certamente, a experiência com esses adolescentes compôs o meu desejo em ingressar no mestrado. Nesse sentido, a priori, ainda no anteprojeto, questionava o que para além do nome-do-pai poderia exercer uma função de nomeação<sup>1</sup> aos viventes. Em outras palavras, estava imbuída em investigar outros possíveis operadores psíquicos que enodassem

---

<sup>1</sup> Guerra e Vorcaro (2018) marcam uma diferenciação entre nomeação e nominação. Elas ressaltam: “encontramos uma diferença, entre as traduções do português e do espanhol, para o termo *nomination*. Ele é traduzido ora como nominação, ora nomeação. Concluímos que a adoção de um ou de outro termo não se configura apenas como uma decisão do tradutor. Ela diz respeito a uma falta de precisão necessária a ser sanada. Assim, localizamos que enquanto o termo nomeação diz respeito a nomear qualquer objeto, pessoa ou ação como uma designação que o condensa, a nominação implica numa significação que escapa ao sentido e delimita, pelo campo vazio, o nome próprio. Trata-se de uma invenção não passível de tradução, sinônimo ou equivalência. (p. 12)”

os sujeitos subjetivamente.

O formato inicial para galgar esse caminho propunha conduzir um grupo terapêutico com os adolescentes que estavam na lista de espera da clínica psicológica da UFU. Os jovens escolhidos para as primeiras entrevistas apresentavam como sintoma os *cuttings*. Porém, devido à pandemia, a etapa de ir a campo ficou muito prejudicada. Logo que iniciei as primeiras conversas com os pacientes, foi necessário encerrar os atendimentos presenciais. Continuei a atender uma paciente, a Mariana (nome fictício), uma adolescente de 17 anos, bissexual, moradora da periferia e que residia com a mãe. As sessões com a vivente continuaram, pois ela já havia começado suas sessões pessoalmente. O meu encontro com Mariana se deu assim, às voltas da obscuridade de uma pandemia e apostando nos atendimentos on-line.

Vale ressaltar que o caso clínico da paciente será narrado e construído no capítulo 3. Nesta apresentação, irei me ater a uma breve descrição. Retrato Mariana a partir de um poema de Manoel de Barros (2010) presente no livro *Menino do mato*: “para meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar” (p. 41). Eu escolho apresentá-la por um poema, pois além de ser uma linguagem que permitiu uma via de transferência (ela gostava de Clarice Lispector), ele se aproximava das inquietações que permeavam o meu raciocínio clínico: Mariana falava, a palavra entoava, mas não significava, não produzia elaborações. No entanto, a palavra, em seu caso específico, parecia ser produzida pelas invenções e intervenções promovidas no seu corpo. Ela era uma paciente muito interessante porque comparecia, em algumas sessões, com diferentes tonalidades em algumas partes do seu cabelo (rosa, roxo e azul). A adolescente também apresentava *cuttings* e continha *piercings* em diversos lugares, como nas orelhas, língua, mamilos, umbigo, nariz e um dos braços, assim como algumas pequenas tatuagens.

Além disso, Mariana vivenciava uma ambígua relação com as pessoas da sua convivência, isso inclui a mãe, o pai, o pastor da igreja evangélica, o ex-namorado e amigos. Ora ela silenciava e cedia a todos os dizeres e crenças destas pessoas sobre seu modo de viver;

ora dizia não concordar com eles. Ao longo dos atendimentos, por algumas repetições discursivas da paciente, sua posição subjetiva delimitava-se, isto é, ela parecia localizar no *entre* sua demanda e a demanda de um Outro, no *entre* suas marcas corporais e as exigências da igreja e familiares, no *entre* gostar de meninas ou meninos. Somada a estas questões, Mariana vivenciava uma relação muito simbiótica com a mãe, era muito difícil para ela despregar da palavra materna, aliás, separar do Outro lhe era perturbador e ameaçador. Nos seus momentos de angústia e sofrimento, recorria ao Outro, porém um Outro absoluto que sabia e respondia a tudo. Estes fatos, em conjunto com a escassez de lembranças e elaborações de Mariana em sessão, me fizeram revisitar um questionamento, já descrito nos parágrafos acima desta introdução, se eu estaria diante de uma estrutura neurótica ou psicótica. Eu não poderia afirmar que Mariana se dimensionava pela neurose, tampouco pela psicose. Porém, possivelmente, que ela não se alinhava aos do diagnóstico estrutural.

Cabe destacar que o meu objetivo, nesta pesquisa, não foi apresentar um diagnóstico clínico da paciente. No entanto, estas reflexões que indicaram um não alinhamento a operação simbólica do nome-do-pai, me levaram a questionar o que poderia exercer uma função de nomeação na singularidade da história de Mariana. Em outras palavras, o que promulgaria a sua amarração. Nestes termos, recorri às construções de Lacan sobre a topologia dos nós para ler a interioridade do caso da jovem e me apoiei, principalmente, no *seminário 23* para mensurar as possíveis invenções rumo ao enodamento dos seus registros psíquicos. Lacan recorreu a matemática, especificamente à lógica topológica, para desenvolver um recurso de análise e interpretação clínica. Baseado na matemática, ele definiu e criou a “topologia dos nós”. Segundo Guerra, Figueiredo, Borçato, Souza e Andrada (2008) a topologia dos nós é um instrumento clínico que permite “pensar os efeitos subjetivos, ao mesmo tempo sobre o significante e sobre o gozo, a partir de sucessivos e diferentes cortes e suturas, operados pelo ato do analista e/ou pelas contingências da própria vida” (p.289).



Nesse sentido, ao escutar Mariana e o manejo dela com o seu corpo – as mudanças nas cores de cabelo, as intervenções corporais, os *cuttings* – que será detalhado nas próximas páginas, eu me perguntei se uma função de nominação poderia ter se operado por essa via. Nesta perspectiva, a hipótese que se apresenta neste trabalho é: na singularidade do caso de Mariana, o corpo pode promover um efeito de amarração dos registros psíquicos? Nesse caminho de apresentar o problema de pesquisa, é válido destacar que o conceito de corpo com o qual opero é o corpo habitado pela linguagem, “isso quer dizer que a linguagem toca o organismo, o desnatura, o modifica” (Soler, 2019 p. 35). Da mesma maneira, alinho com a compreensão de Dunker (2021) sobre o corpo no âmbito da investigação científica. Nesse campo, o corpo deve ser entendido como uma “não-unidade-práxico-discursiva” (p.82). Ou seja, é um corpo atravessado por diferentes discursos, tratamentos e intervenções.

Neste percurso desassossegado de apresentar um problema de pesquisa, eu já não sou apenas uma, sou composta por múltiplas alteridades, por outros tantos que ajudaram a bancar o meu desejo e fazer dele um texto. Os encontros, no caminho científico, auxiliaram a reposicionar o meu anseio pela clínica. Por isso, daqui em diante as falas serão marcadas no plural e no presente, pois é um trabalho composto por pluralidades, variados outros. Na continuação desta dissertação, tentamos vislumbrar uma clínica contemporânea. Brousse (2003) afirma que o fundamento pelo qual um analista deva se interessar pela subjetividade do seu tempo alia-se à sua responsabilidade pelas inúmeras vidas acompanhadas no seu fazer clínico e social. Este compromisso com o sujeito que padece dimensiona o psicanalista a estar atento à dinâmica simbólica de sua era.

Portanto, no primeiro capítulo, trazemos alguns pressupostos teóricos que versam sobre o pai. Nós começamos descrevendo o *seminário 23* e as novas construções de Lacan sobre o nome-do-pai. Depois mencionamos autores que localizam na adolescência um período de (re)imprimir, na subjetividade, uma versão paterna. Até chegarmos em artigos, encontrados na

literatura psicanalítica, que apontam as invenções de pai no contemporâneo. No segundo capítulo, demonstramos o caminho, o percurso metodológico que nos guiará nesta pesquisa. Nós partimos da premissa de que há uma política engendrada na construção de casos clínicos em Psicanálise e resolvemos construí-lo a partir da figura topológica da garrafa de Klein. Isso significa dizer que olhamos para o caso de Mariana a partir das possíveis transformações ocorridas no seu discurso. No terceiro capítulo, construímos o caso da adolescente escrevendo os enlaces e desenlaces dos seus registros psíquicos a partir das narrativas que apareceram nas sessões clínicas. No quarto capítulo, discutimos algumas questões que se destacaram na construção do caso. As discussões principais são baseadas no manejo de Mariana com o seu corpo – a subjugação e a insubordinação – assim como tecemos considerações a respeito de um mais além do nome-do-pai. Por fim, nas considerações finais, pontuamos sobre as amarrações pela via do Imaginário, os seus percalços e possibilidades.

## Capítulo 1

### Pressupostos teóricos: em busca de versões de pai

#### 1.1 Breves Considerações Sobre o Seminário 23

As voltas de desenvolver um recurso clínico que permite acompanhar a dinâmica psíquica do sujeito, para além de uma diagnóstica clássica estrutural, Lacan produz o *seminário 23*. Se desde a pluralização dos nomes-do-pai ele já indicava que o funcionamento psíquico poderia se operar para além da metáfora paterna, no *seminário 23*, Lacan constroi o caso clínico do conhecido autor James Joyce e demonstra uma forma de subjetivação que não aconteceu pela inscrição do nome-do-pai. Ou seja, ao analisar o caso em questão, o autor evidencia que Joyce não se organizou por esta lógica, mas mesmo assim, conseguiu uma certa organização subjetiva. É nesta direção que Lacan desenvolve o conceito de *sinthoma*, que será detalhado mais adiante.

Em primeiro lugar, no *seminário 23*, Lacan (1975-1976/2007) localiza o Imaginário (I) como consistência, o Simbólico (S) como furo e o Real (R) como *ex-sistência*. Assim como em outros pontos do seu ensino, nessa transmissão, ele volta a demarcar que Imaginário é o corpo, logo o corpo é consistência. Estas concepções de Lacan serão fundamentais para as posteriores elaborações deste trabalho. Porém, antes de retornarmos a esse seminário, vale descrever duas exposições do *seminário 22*, especificamente *as lições de 17 de dezembro de 1974 e 13 de maio de 1975*, isso porque elas contribuem nas articulações teóricas a respeito do *sinthoma*. Nessa primeira aula, ao final do capítulo, Lacan recorre às suas hipóteses presentes no seminário da angústia e que retratava sobre a tríade inibição, sintoma e angústia. Isto para anunciar ao público, nesta nova transmissão, que, desde o tempo do seminário 10, estes três estados são “heterogêneos entre si como os meus termos Real, Simbólico e Imaginário” (p. 13). No entanto, é na lição de *13 de maio de 1975* que Lacan (1974/75) inter-relaciona a tríade

inibição, sintoma e angústia com os registros Imaginário, Simbólico e Real.

Nessa última aula, o autor incorpora o termo nominação. Ele ainda estava introduzindo o pensamento sobre a necessidade do nó borromeano ser tetrádico, no entanto, já demarca a nominação alinhada ao quarto termo capaz de atar os registros psíquicos. Melhor explicando, ela seria um quarto elemento que mantém enodados S, I e R. Caso não haja um quarto componente para manter junto o nó de três, em uma eventual ruptura de algum dos elos, os outros dois ficariam livres. Bem ao final da lição, Lacan (1974/75) desenvolve três possibilidades de nominações: a nominação do Imaginário, do Simbólico e a do Real. A primeira estaria relacionada à inibição, a segunda ao sintoma e a terceira à angústia.

Mas é no *seminário 23* que Lacan concebe o conceito de *sinthoma*. Ele retoma as formulações em relação ao nó de três e delinea a passagem do nó de três para o nó de quatro. Para o autor, é o fato de duas rodela estarem livres uma da outra que se sustenta a *ex-sistência* da terceira. Em outras palavras, o Real só tem *ex-sistência* se encontrar no Simbólico e no Imaginário um ponto de retenção, um ponto de parada. Ocorre que, segundo Lacan, se faz necessário introduzir uma diferença no nó de três para que os registros psíquicos possam se distinguir. Em diferentes partes desse seminário, ele diz: “Digo que é preciso supor tetrádico o que faz laço borromeano – perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* – em suma, o pai é um sintoma, ou um *sinthoma*, se quiserem” (p.21) ou “do nó de três, há apenas uma espécie” (p.52). Em relação ao nó de três, o psicanalista o relaciona à paranoia. No caso, seria a introdução de um quarto elemento, que Lacan denomina de *sinthoma*, que permite o enodamento do nó. Vejamos outras palavras do autor

Daí minha preocupação – após ter feito o achado de que três nós de três se enodam borromeamente – com o enodamento de quatro desses nós de três. Constatei que, se os três nós mantiverem-se livres entre eles, um nó triplo, que toma parte em uma plena aplicação de sua textura, ex-siste, ele é efetivamente o quarto. Ele se chama *sinthoma*”.

(p.55)

Nessa perspectiva, de acordo com Lacan, a fabricação de um *sinthoma* é uma invenção absolutamente singular do sujeito. Para supor que tal criação se operou faz-se necessário o pareamento do *sinthoma* com o inconsciente<sup>2</sup>, ao mesmo tempo, a ligação do Imaginário ao Real. Além disso, o *sinthoma* se presta a reparar uma falha, o lapso do nó entre Simbólico, Imaginário e Real. Isto é, ele restaura o nó no mesmo ponto onde o erro do nó ocorreu. Por ser uma reparação que fixa o nó, em um casual desenlace, o ser serve-se do *sinthoma* para enodar, novamente, os registros psíquicos. Para sustentar e ilustrar esse conceito, Lacan analisa pontos da história de James Joyce e demonstra a construção de seu *sinthoma*. Na interpretação Lacaniana, o escritor inventa uma maneira de atar o nó, e o interessante é que esse enodamento não se baseia na clássica do nome-do-pai

Joyce tem um sintoma que parte do fato de que seu pai era carente, radicalmente carente – ele só fala disso. Centrei a coisa em torno do nome próprio, e pensei que – façam o que quiserem desse pensamento – ao se pretender um nome, Joyce fez a compensação da carência paterna”. (p.91)

Em Joyce, o lapso do nó se deu no deslizamento do Imaginário, ou seja, o Imaginário não se encontrava atado aos seus outros registros, ele permanecia livre. Lacan afirma que esse escoamento do Imaginário tornou-se evidente através da cena de uma surra que o escritor recebeu de colegas. Neste episódio, Joyce relata que o seu corpo se soltou como uma casca e mesmo com a violência da pancadaria, ele não revidou tampouco guardou rancor dos amigos. Mediante a estes fatos, o psicanalista se pergunta: “No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima?” (p.146). Ao retornar ao acontecimento desse evento, Lacan considera que

---

<sup>2</sup> Algumas autoras contemporâneas como Capanema (2018) e Guerra (2017) interpretam que, quando Lacan usa o termo inconsciente nesse seminário, ele, na verdade, está se referindo ao Simbólico.

foi a partir do questionamento de Joyce do porquê não sentiu raiva das pessoas que o bateram que se fabricou um novo enlaçamento. Isto é, a revolta do escritor sobre a surra evocou um ponto de parada no próprio gozo, ali ele não gozou, ele teve repulsa. Nesse sentido, o que corrige o lapso do nó seria o seu ego.

[...] eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, o que, no caso de Joyce, não enoda borromeamente o imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente. Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano”. (p.148)

Joyce produz um *sinthoma* que o possibilitou enodar o Imaginário no Real e no Simbólico, o ego do artista operou como o seu quarto termo. “O ego cumpre nele uma função da qual só posso dar conta pelo meu modo de escrita” (p.143). Dito de um outro jeito, a escrita de Joyce lhe fez diferença, lhe promulgou uma versão de pai.

Na nossa interpretação, neste seminário, Lacan radicaliza a leitura sobre o ordenamento subjetivo e a inclusão da operação simbólica do nome-do-pai. Nossa intensão em descrever sobre esse seminário não se limita apenas as formulações teóricas sobre o *sinthoma*, mas também assinalar que Lacan deixou apontamentos que vislumbram outras possibilidades de enodamentos subjetivos. Consideramos que essa deixa lacaniana se faz importante na interpretação de alguns casos que aparecem no contemporâneo, ela nos ajuda na decifração da subjetividade que se apresenta na atualidade. Mariana é uma adolescente do nosso tempo, as formulações lacanianas sobre Joyce abrem um leque de alternativas para compreender a investigação da sua arquitetura psíquica. Nesse caminho, no próximo item, continuaremos a falar sobre o pai, agora aprofundando nos estudos que localizam na juventude uma busca para (re)encontrar versões paternas.

## **1.2 A Adolescência e a (Re)edição do Pai**

Macedo e Almeida (2019) salientam que a adolescência não é um período natural do

desenvolvimento humano, pelo contrário, ela é uma construção social, um conceito criado pela cultura ocidental e fruto da modernidade. Tanto que em algumas culturas não há adolescência, o que ocorre é uma mudança da infância para a fase adulta. Essa transição de um ciclo ao outro se dá por cerimônias e rituais que marcam a entrada do jovem à maturidade e à comunidade. Muitos desses rituais são marcados no corpo, como acontece com os povos Carajás que tatuam o rosto para distinguir a infância da adolescência. No contemporâneo, por não mais ocorrer esses rituais simbólicos, o jovem fica à mercê de trabalhos psíquicos. Nesta leitura, a concepção de adolescência como um período crítico se deu na contemporaneidade, as autoras trabalham com a premissa que a passagem do adolescer é uma “operação psíquica” (p.138) que se faz fundamental na atualidade.

A adolescência, enquanto operação psíquica, é atravessada por um desligamento da autoridade parental, além de marcar o vivente no encontro com o real do sexo exigindo-lhe reposicionamentos diante à sociedade. Nesta lógica, pode-se considerar esse período mais próximo de um tempo lógico do que cronológico, visto que alguns sujeitos precisarão de um intervalo maior para erguer-se na idade adulta. Ao acompanhar alguns pressupostos de Rassiá, as pesquisadoras ressaltam que há, no andamento da adolescência, a reedição do estágio do espelho. Ao jovem faz-se necessário abdicar ao corpo infantil, constituído na primeira etapa do tempo do espelho, para ascensão, na puberdade, de uma nova imagem corporal. Macedo e Almeida (2019) ainda descrevem modificações em relação às referências do olhar e da voz, uma vez que antes o que assegurava o corpo infantil perpassava pelo olhar e voz materno, na passagem do adolescer, esses artificios são sucedidos por inovadas identificações.

Assim como Macedo e Almeida (2019), Oliveira e Hanke (2017) também colaboram na maneira de interpretar a puberdade. Em primeiro lugar, os autores afirmam que, desde as teorizações de Freud, a psicanálise faz estremecer a concepção de uma idade cronológica. Isso porque, o precursor da psicanálise já apontava existir no psiquismo humano um resto não

dialetizável. Quer dizer, sobram restos de infância, sobram restos de adolescência e, em diferentes momentos da vida, eles podem retornar. Essa construção dos pesquisadores reafirma que, para a psicanálise, o sujeito não tem idade. “Para ser mais exato, o sujeito trabalhado por Freud está entre a pulsão, que tem fonte corporal, mas não é corpo, e a representação, que provém do campo do Outro, mas que nunca é apreendida por ele totalmente”. (p.298). Ao recorrerem a Lacan para continuarem a refletir sobre o sujeito freudiano, os autores alegam que nos escritos do psicanalista francês, o sujeito encontra-se entre um significante e outro, ele nunca é traduzido em sua totalidade. Em outras palavras, o sujeito sempre escapa, não diferente, ele escapole frente às identificações relativas à sua idade. Se não é possível considerar a idade do sujeito em psicanálise, a forma que ele irá se apresentar é em tempos.

Um dos tempos em que o sujeito se apresenta é a puberdade. Nesta, o enfrentamento com o real da sexualidade lança o adolescente à impossibilidade de projetar sua pulsão no campo do Outro, isso inclui seu semelhante, a cultura, a sociedade, entre outros. Na intenção de promover uma sutura à não existência da relação sexual, o jovem busca um saber no Outro. Mas como esse saber não é completo, na medida em que ele falha, o adolescente tende a responder. As respostas ou saídas sintomáticas, mesmo vistas apenas na interioridade de cada caso clínico, podem se apresentar na afronta ao Outro, na alienação ao Outro e na radical separação ao Outro, neste último ponto destaca-se a passagem ao ato (Oliveira e Hanke, 2017).

Aliás, Alberti (2009) reitera que o adolescente tem uma inclinação a agir. No diálogo com diferentes autores, a psicanalista demarca que, muitas vezes, a tendência a agir está associada às transformações corporais que ocorrem na puberdade. Neste tempo, para muitos, o corpo é sentido como um estranho, o agir seria uma resposta às descobertas e sensações de esse corpo que lhe é estrangeiro. No livro, a pesquisadora aprofunda nos estudos sobre os atos suicidas que acontecem na adolescência. Ainda refletindo a predisposição a agir, de maneira semelhante às construções de Macedo e Almeida (2019), a psicanalista reitera que, em algumas



sociedades, os ritos de passagem alocavam o sujeito no mundo dos símbolos, isto colaborava para a manutenção deste no campo do simbólico. Ocorre que, no contemporâneo, diante à escassez de recursos simbólicos que atravessam a cultura, o adolescente se vê às margens para enfrentar aquilo que do real é impossível de ser simbolizado.

Já Le Breton (2012) aponta que a capacidade a agir na adolescência, denominado por ele de condutas de risco, encontra-se em consonância a “processos identitários inacabados, à dificuldade de mobilizar em si próprio os recursos de sentido para lidar com as armadilhas de um outro modo” (p.34). A propensão a agir se relacionaria a um esforço para recobrir a impotência, a atribulação do pensar por si. O autor destaca que as condutas de risco, em primeiro lugar, são tentativas de passagem para a idade adulta. Elas também são maneiras de apelar no sentido da existência, de retomar o controle no existir, além de buscarem um limite cuja intenção é conseguir apoio e alicerce para voltarem à vida e ao mundo.

Como pudemos observar acima, a literatura acerca da adolescência é bastante vasta. Importantes artigos retratam as particularidades que se desenrolam na passagem do adolescer. Nesta pesquisa, nos aproximamos de interpretações que localizam na puberdade uma (re)edição da operação paterna. Isto é, uma adolescência às voltas de (re)encontrar versões de pai. Escolhemos efetuar esse caminho por se aproximar das inquietações que nos tocam em relação a Mariana, participante deste estudo. Afinal, nos é interessante compreender como ela foi se virando diante do pai que lhe foi possível. Desenvolveremos essa questão mais adiante. Começamos, então, por Freud e suas elaborações sobre o período da puberdade que, inevitavelmente, lidará com a reatualização do Complexo de Édipo.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) utiliza a terminologia puberdade para referir-se às mudanças ocorridas no período posterior à infância. O precursor da Psicanálise localiza uma das transformações pubertárias a partir da descentralização de um instinto sexual autoerótico rumo ao encontro a um objeto sexual. Neste

ponto, Freud (1905/2016) aponta uma diferença entre o prazer das zonas erógenas ou prazer preliminar e a satisfação sexual, o prazer final. Enquanto o primeiro aproxima-se do instinto sexual infantil, o segundo associa-se às condições que aparecem na puberdade. Segundo o psicanalista, estas condições estão conectadas às diferenças nos caracteres femininos e masculinos, já predispostos na infância, porém decididos na puberdade. O interessante é que Freud (1905/2016) sinaliza uma dessemelhança na maneira como se manipula a evolução da libido no menino e na menina. Se no homem há um incentivo ao avanço da sexualidade, na menina, análogo ao que ocorre na infância, ela é passível a processos repressivos. Para o autor, a resultante dessa coibição na sexualidade feminina pode vir a ser a histeria.

Mas, independentemente de ser menino ou menina, há uma importante operação psíquica que ocorre na puberdade, a saber, a reatualização do complexo de Édipo. Neste período, as fantasias edípicas infantis reaparecem, só que agora com a potência, desenvolvimento e evolução dos caracteres sexuais. A partir da interdição do incesto colocado desde a infância, superar essas reminiscências é uma necessária realização psíquica, dado que ela se atrela ao esvaziamento da autoridade dos pais. Essencial para o avanço e transformações culturais, o desligamento da autoridade parental pressupõe uma indispensável contradição entre as gerações – da nova sucessão à antiga (Freud, 1925/2020).

Lacan (2003/1974) parece seguir a linha freudiana sobre a atualização edípica que acontece na adolescência. Em Prefácio de *O despertar da primavera*, ele sinaliza que a inexistência da relação sexual decorre para todos os sujeitos, inclusive os adolescentes. Nas palavras do autor: “O sentido do sentido está em que ele se liga ao gozo do menino como proibido. Isto, certamente não para lhe proibir a relação dita sexual, mas para cristalizá-la na não-relação que ela vale no real” (p.558). Ao interpretar essa transmissão de Lacan (2003/1974), Capanema (2018) afirma que, para o psicanalista, o desamparo e o mal-estar do adolescente se vincula a dissonância entre a formação do Ideal do Eu, resquício da promessa

prolongada do Édipo, e a constatação da não existência da relação sexual. Mais do que as mudanças corporais e a intensificação das pulsões sexuais, o jovem confronta-se com a impossibilidade da relação sexual.

Ao mesmo tempo, Oliveira e Hanke (2017) descrevem que Lacan (2003/1974) empresta-se da peça de Wedekind, autor de *O despertar da primavera*, para marcar o encontro dos adolescentes, participantes do enredo, com o Real do sexo. Por Real, os pesquisadores salientam aquilo que escapa à simbolização e a imagem. Mas além de registrar o despertar do adolecer para o Real da sexualidade, Lacan destaca um outro desdobramento ocorrido na teatralização, isto é, ele vincula passagens da peça ao nome-do-pai e à construção de um nome próprio. Aqui, vale retomarmos a leitura e a interpretação que Capanema (2018) faz acerca desse recorte no escrito lacaniano.

A autora resgata cenas e personagens da peça *O despertar da primavera*, Wendla, Melchior e Moritz que compõem o enredo. Eles são adolescentes que estão às voltas do encontro com o Real do sexo e os dilemas da própria existência. Cada um vivencia os impasses que aparecem na passagem do adolecer à sua maneira, mas as histórias se entrecruzam. Por exemplo, inundado pela angústia de ter pais muito rígidos e por ainda sustentar o peso de se manter alienado aos desejos parentais, Moritz opta pelo suicídio. Antes da sua morte, ele encontra uma mulher que lhe oferece ensinamentos sobre a sexualidade, mesmo assim, o garoto decide por tirar a própria vida. Já Wendla e Melchior concretizam o ato sexual, o que causa, a posteriori, problemas para Melchior. Este último é enviado a um reformatório devido a transgressão com Wendla. Ele também é expulso da escola, depois do suicídio de Moritz, por escrever a um amigo sobre a reprodução humana (Capanema, 2018).

Só que Melchior foge do reformatório e se depara com a possibilidade da morte, até então ela lhe era desconhecida. O fantasma de Moritz aparece para Melchior chamando-o para adentrar na realidade dos mortos. É nesse momento que aparece o Homem Mascarado, ele diz

para o adolescente ir embora daquele lugar, pois não teria condições de efetuar tal decisão. O garoto desconfia que o Homem Mascarado seja seu pai, no entanto, este lhe responde que seu pai encontrava apoio na sua mãe, e que ele, homem mascarado, o ajudaria a abrir-se para as possibilidades do mundo. O personagem do Homem Mascarado aparece na trama quando o adolescente estava sozinho, diante da morte. Ele faria uma versão paterna, um dos nomes-do-pai, amparando-o e sustentando-o (Capanema, 2018).

Essa interpretação da Capanema (2018) pode ser encontrada em Lacan (1947/2003) a partir da seguinte descrição

Não será para restituí-las a ela, (por supor face oculta) que serve aqui o Homem dito mascarado. Aquele que constitui o fino do drama, e não só pelo papel que Wedekind lhe reserva - o de salvar Melchior das garras de Moritz -, mas porque Wedekind o dedica à sua ficção, tida por nome próprio. De minha parte, leio nisso o que recusei expressamente àqueles que só se autorizam de falar dentre os mortos: ou seja, dizer-lhes que em meio aos Nomes-do-Pai existe o do Homem mascarado. Mas o Pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência. (p.563)

Como vimos, Lacan (2003/1974) parece associar uma edição dos nomes-do-pai na passagem do adolescer. É fundamental, então, vermos as construções de alguns autores contemporâneos sobre essa temática. Sanches (2015), em determinada parte da sua tese de doutorado, questiona se haveria possibilidade, diante a clínica da infância ou adolescência, de atendê-los a partir de uma inscrição do nome-do-pai que aconteceria no a posteriori, ainda por vir. Para adentrar nessa pergunta, a autora dialoga com diferentes pesquisadores e, mesmo por perspectivas diferentes, eles apresentam um nicho em comum: o fator tempo e contingência para se pensar a inscrição do nome-do-pai e a constituição de uma estrutura clínica no atendimento infanto-juvenil. Por exemplo, de formas aproximadas, Sanches (2015) afirma que,

para Dunker (1996/2013) e Amigo (2007), a constituição de uma estrutura clínica precisaria aguardar o retorno, o segundo tempo do Complexo de Édipo que ocorre na puberdade.

Já para Vorcaro (1997) e Bernadino (2004), que também se assemelham na maneira de compreender as contingências, Sanches (2015) esclarece que a primeira autora considera que, a nível do vivente, pode-se verificar diferentes invenções na maneira de atar os registros borromeanos, no caso de alguma falha no enodamento. Quanto à segunda, Sanches (2015) ressalta que ela se baseia na concepção de uma psicose não-decidida na infância. Quando o Outro não encarna a função que lhe é própria, abrir-se-ia um tempo de espera, por parte da criança, e esta ficaria no aguardo ao Outro. A formação da estrutura se manteria em suspensão podendo aparecer defesas que tenha caráter psicótico, mas não a estrutura psicótica em si.

Nessa direção, Capanema (2018) elabora uma interessante interpretação sobre a adolescência e o nome-do-pai. A autora descreve que quando o jovem se depara com um pai submetido à castração e ao constatar que este não é o detentor do falo, ele necessita buscar um pai do nome, uma versão paterna que sustente a fundamental operação do pai na subjetividade: o de enlaçar os registros borromeanos. “Não basta o “não” do pai, também não basta estar inscrito na Metáfora paterna, é um momento em que todo sujeito tem que refazer esse nó, esse caroço do Nome-do-Pai, retrazando sua biografia e reparando a sua imagem” (p. 72).

O adolescente se vê diante da queda das identificações que antes lhe sustentavam, ele se percebe na posição de ter que dar conta de si. Para a autora, são algumas dessas questões que, na passagem do adolescer, abre-se à possibilidade de conceber um quarto elemento, que Lacan denominou de nominação, capaz de amarrar o nó borromeano. Ou seja, pode-se observar novos enodamentos do Simbólico, Imaginário e Real através do que operou como pai, constituindo e diferenciando o adolescente. Em um outro texto, Capanema e Vorcaro (2012) reforçam que o jovem, ao se deparar com a inexistência da relação sexual, pode encontrar saídas “pelo encontro com algo que faça as vezes de uma versão do pai, um dos Nomes-do-

Pai, que, por meio do semblante, do simulacro, forneça uma sustentação para o sujeito” (p.154).

Nessas perspectivas, Oliveira e Hanke (2017) descrevem que, na atualidade, a puberdade é vivenciada a partir da queda da imago paterna e de um superego mordaz, ele afina o gozo desenfreado. Há crises da função paterna, dos ideais; há crise do Outro. Isto provoca no adolescente um abismo na essencial operação de se localizar no desejo do Outro. Retomando Freud, os autores lembram que ele sinalizou a importância do desligamento do pai no tempo do adolecer. Não em vão, esse esvaziamento é o que permite ao jovem vincular o seu desejo em outros campos, tal como, uma profissão, um estudo, namoro, etc. Como esse Outro contemporâneo encontra-se em derrocada, resta ao adolescente enfrentar suas crises dentro do próprio colapso que a sociedade tem defrontado.

Além disso, Capanema (2018) reitera que, no contemporâneo, a partir da fragilidade do simbólico e de um aumento da consistência imaginária “podemos levantar a hipótese de que a adolescência de hoje atesta cada vez mais a impotência de uma nomeação que poderia *ex-sistir* a R. S. I” (p.78). Contudo, a pesquisadora faz uma ressalva no que concerne a considerar, pela clínica da topologia dos nós, as contingências que possam aparecer e se apresentar como maneiras singulares de se atarem os registros nos atendimentos com o adolecer. É em diálogo com esse ponto de vista, assim como um olhar contingencial para a adolescência que retornamos à pergunta se para Mariana o corpo pode operar como efeito de amarração dos registros psíquicos. Para nos auxiliar nos estudos sobre os possíveis atamentos do contemporâneo, iremos trazer algumas versões de pai que localizamos na literatura.

### **1.3 As Invenções Paternas Contemporâneas**

É importante destacar que a maioria dos trabalhos localizados na literatura psicanalítica que apontam para versões de pai são análises de casos clínicos. Longe da pretensão de esgotar a variedade de artigos que possam reportar sobre essa temática, aqui, o nosso intuito é aproximarmos de algumas pesquisas que sinalizem outras possibilidades de amarrações

encontradas na contemporaneidade. Antes de escrever as singularidades dos atamentos na interioridade dos casos, relataremos outros estudos que não abordam a particularidade do tratamento, porém contribuem na leitura sobre os enodamentos da atualidade.

Começemos por Soler (2018). A partir da interpretação de alguns seminários da última clínica de Lacan, ela afirma que os registros psíquicos podem se enlaçar tanto pela clássica do nome-do-pai quanto por suplências que indicam um além do pai. Esta via de amarração que aponta para outros atamentos não localizados pela lógica binária do nome-do-pai, não se reduzem e se enquadram nos diagnósticos clínicos das psicoses. Na compreensão da psicanalista, Lacan não classificou Joyce um psicótico, ao contrário, a intenção lacaniana, nas construções sobre o escritor, versava uma mudança na posição do pai, isto é, o nome-do-pai seria uma dentre as várias outras formas de enodamento. Dito de um outro modo, enoda-se por outras amarrações além do pai, servindo-se dele.

Paralelamente, Soler (2018) analisa algumas mudanças conceituais em relação à paranoia, principalmente a partir das modificações do *seminário* de 1975, de Lacan. Mesmo não afirmando, de maneira evidente, que um enodamento pela paranoia pode acontecer, a autora parece lançar a hipótese de uma provável amarração por essa via. Nas suas palavras

[...] parece-me que não podemos dizer que não há enodamento na paranoia. Acredito até mesmo que seria quase que o contrário. Passa-se em continuidade, se não está desunido, mantém-se junto, é solidário. De onde considero a evolução das fórmulas de Lacan nesses dois anos do Seminário e sobre as quais tenho insistido. No começo, ele coloca que não há enodamento na psicose; é necessária a quarta volta ou é necessário o nó borromeano simples para que estejamos na psicose. E, ao final do segundo ano, ele coloca que sempre é necessário um quarto para que exista enodamento, pois as três voltas não se distinguem sem a quarta; mas, na psicose, pelo menos na paranóia, há um enodamento de trevo. (p. 336).

Nessa mesma direção, Alves, Sanches e Luccia (2018) salientam que nem todos os sofrimentos atuais podem ser compreendidos por intermédio da queda do pai e de figuras de representabilidade. Ou seja, organizador central do psiquismo, o falo, é apenas uma interpretação sobre o sintoma no contemporâneo. O que as autoras demarcam são outras maneiras de se constituir que não seguem essa lógica. Por exemplo, os quadros borderlines, as esquizotípias e as patologias do eu são funcionamentos psíquicos regidos pela indeterminação, por uma “disposição constitutiva à fragmentação e não à unicidade” (p. 135).

Dentro do campo psíquico da indeterminação estão presentes tanto a performance do sujeito quanto uma instabilidade, impermanência e oscilação. Neste viés, as pesquisadoras retratam ser necessário indagar outras formas de subjetivação que não seja somente pelo Nome-do-pai, uma vez que o seu declínio ocorreu no próprio ensino de Lacan a partir da pluralização dos nomes, mais especificamente, em sua teoria da nomação. Alves, Sanches e Luccia (2018) formalizam um adendo no que tange às psicoses ordinárias e reiteram que esse diagnóstico é uma leitura possível para os mal-estares atuais, porém não a único.

Costa (2018) é uma outra autora que demarca, bem ao final do seu texto, possibilidades de nomações. A pesquisadora se baseia no seminário de Lacan *o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanalítica* para tecer considerações acerca da teoria da nomação. De início, ela afirma que o objetivo do psicanalista francês, na releitura desse texto de Freud, era diferenciar sua interpretação de outros autores pós-freudianos, ele procurava meios “para se estabelecer, bem como distinguir as noções de real, simbólico e imaginário, para então recolocar a questão do “eu” de Freud, em relação a esses três registros, produzindo uma construção lacaniana” (p.107). Segundo a pesquisadora, um dos pontos importantes desse seminário lacaniano é a inclusão do simbólico na diferenciação imaginária entre o eu e o outro, eu e o objeto. Em outras palavras, o simbólico incluiria o terceiro elemento que mediará a dimensão imaginária. É munida de algumas destas elaborações teóricas que Costa (2018) nos implica na interpretação



do contemporâneo e suas possibilidades de nomeações. Ela ressalta que, especialmente na direção dos casos clínicos com a juventude, é necessário se atentar ao uso das artes e da escrita, nas suas diversas concepções, como um aparato que possa inscrever um elemento externo, um terceiro termo, que produza uma função de nomeação.

Agora, ao adentrarmos na singularidade das amarrações dos casos clínicos, relataremos, inicialmente, as construções de Guerra et al. (2008). As autoras analisam o caso do “Profeta Gentiliza”, um conhecido artista cujo diagnóstico apontava para uma psicose já desencadeada. Elas se apoiam nas considerações do *seminário 23*, de Lacan e interpretam uma possível saída rumo à estabilização encontrada pelo “Profeta”. Em princípio, as pesquisadoras afirmam que, nos quadros clínicos das psicoses, as estabilizações podem ocorrer precariamente pelo Imaginário, como também pelo Simbólico e o Real. No entanto, elas ressaltam que nem todas as soluções inventadas pelo ser configuram-se uma maneira de atar os três registros. Para que seja uma produção singular do sujeito, faz-se necessário observar a contenção de um gozo dilacerante e, assim, promulgar novas modalidades de gozo. De acordo com as psicanalistas, isto é o que pode permitir uma articulação dos registros psíquicos.

Em linhas gerais, o “Profeta Gentileza”, desde a sua infância, apresentava alucinações. Ele chegou a casar-se e a constituir uma família. Entretanto, após um incêndio de grandes proporções ocorrido na cidade de Niterói, sua vida se modificou. Isso porque ele afirmou ter recebido uma missão de Deus. Na singularidade do seu caso, as autoras compreendem que a sua estabilização se vinculou tanto à missão obtida quanto à invenção de uma grafia inscrita entre dois significantes. Ou seja, foi ao redor do efeito significativo de dois pares binários, “favor-gentileza” (p.293) e “obrigado-agradecido” (p.293) que, em um primeiro momento, o “Profeta” pôde assinar um nome inventado: “Jozze Agradecido” (p.293).

De acordo com as psicanalistas, foram essas questões citadas acima que o permitiram, a posteriori, forjar uma nomeação pela inscrição de um nome-próprio. “Será exatamente da

significação assentada sobre os pares binários aqui referidos que ele destacará e fundará um nome-próprio, escrevendo-se *Profeta Gentiliza* em sua obra” (p.293). Da mesma maneira, com a invenção do nome-próprio, uma nova modalidade de gozo se apresentou. Isto é, essa produção singular possibilitou uma inversão na posição subjetiva do “Profeta”, a saber, da obrigatoriedade para a escolha e do débito à gentileza. As autoras também analisam o seu caso pela topologia de nós. Se antes o Imaginário, de maneira inconsistente, enlaçava Simbólico e Real, após ter recebido uma missão com uma conotação significativa, Imaginário e Simbólico se ataram e ao Real “sem significação, o Profeta faz uma escrita e invenção, amarrando um gozo pelo nome-missão que a gentileza convoca” (p.295).

Já Lima e Vorcaro (2019) averiguam se a identidade de gênero pode operar como uma amarração nodal para o sujeito. No artigo, eles compreendem a transexualidade não como patologia ou desvio, mas uma possibilidade de atar os registros. Em outros termos, a forma como o significante identidade de gênero é tomado no discurso do ser, pode ter valor de enodamento. Os pesquisadores analisam a hipótese em questão a partir dos relatos em redes sociais de Daniela Andrade, mulher transexual e militante. Daniela foi qualificada como sendo um menino devido à presença anatômica do pênis e a designação da própria família. O relacionamento de Daniela com os seus pais era atravessado por violências, abandonos e preconceitos, eles gostariam de ter tido uma menina e isso dificultou ainda mais o vínculo da filha com eles. Daniela nunca se reconheceu como um menino, ela sofria inúmeros preconceitos nos espaços em que convivia. Foi na adolescência que se identificou com lugares e pessoas gays, porém, só depois de uma conversa com uma amiga transexual foi que descobriu o que era a transexualidade. (Lima e Vorcaro, 2019).

Para os pesquisadores, Daniela produz uma nomeação simbólica a partir de um novo significante, “mulher transexual”, isto lhe deu a possibilidade de inventar um nome próprio, o “Daniela Andrade”. A identidade de gênero concedeu-lhe a condição de construir uma

nominação pelo simbólico reparando o lapso do seu nó. Ou seja, um quarto elo capaz de reparar o erro entre o simbólico – sua posição no desejo do Outro, pois os pais gostariam de ter tido uma menina – e o imaginário do seu corpo – a imagem de um corpo de menino. Lima e Vorcaro (2019) ainda ressaltam que essa invenção sintomática não se alastra a todos os casos trans, no entanto, histórias como o de Daniela ensinam que além “das normas sociais e das identificações imaginárias, há uma outra via para conceber a identidade de gênero, tomando-a como a “assunção de um significante que tem um lugar no desejo do Outro para representar o sujeito no laço social” (p.83). Portanto, Daniela constituiu uma *nominação sintomática*, um redobramento do registro simbólico, amarrando os registros psíquicos pelo sintoma.

Se, por um lado, Lima e Vorcaro (2019) indicam na identidade de gênero uma possibilidade de atar os registros psíquicos, por outro ângulo, Capanema (2018:2019), a partir da escuta clínica com os adolescentes, investiga se a paternidade opera como um quarto elemento capaz de propiciar uma amarração borromeana. No seu livro *Enlaces e desenlaces na adolescência*, ela analisa três casos clínicos cujo objetivo é verificar se procede tal possibilidade de atamento. Aqui, nos limitaremos a descrição do Diego, publicado no artigo de 2019. Para manejar os casos, a autora se ancora em elementos do *seminário 22*, de Lacan. É interessante acompanhar as tessituras da pesquisadora, porque ela afirma que diferentes formas de nomeações podem enodar os registros, mas também causarem um desenlace do nó. Dessa forma, a psicanalista propõe olhar o caso clínico considerando seus aspectos diacrônicos e sincrônicos, ou melhor, “uma relação sincrônica determinada pela estrutura do Outro primordial, mas, ao mesmo tempo, inserida na diacronia das relações contingentes do sujeito com esse Outro e com o que pode ser imaginado como suprimindo suas faltas” (p.65).

Ao mesmo tempo, Capanema (2019) destaca ser importante compreender os modos de gozo que aparecem no interior de cada caso clínico. Entre o Imaginário e o Simbólico escreve-se o sentido, Simbólico e Real o gozo fálico e Real e Imaginário o gozo do Outro. É nesses

termos que a autora apresenta o Diego, um adolescente de 19 anos que se sustentava, até a puberdade, por uma nomeação imaginária pautada na idealização do pai como um herói. Na história de Diego, após o assassinato do seu pai, há um desatamento do nó. Nesse drástico episódio, o jovem descobriu a inclinação do genitor ao crime, dentre outras transgressões e filiações paternas. Então, se antes o que mantinha seus registros enodados era a idealização em torno de um pai herói, depois de descobrir as atrocidades deste, seu nó se desfez. Na interpretação da psicanalista, é mediante a estes fatos que, em Diego, Imaginário e Simbólico se desenodaram e o Real se sobrepôs ao Imaginário. Esse desatamento do nó, o levou a lançar seu corpo ao eminente risco, ele ficou vários dias entre a vida e a morte devido a uma tentativa de homicídio. A pesquisadora considera que é a partir dessa experiência de quase morte, que o jovem buscou tratamento psicanalítico e pôde contar da sua identificação ao pai morto, além de optar por não se vingar da tentativa de homicídio sofrida. “Foi preciso estar no lugar do pai morto para que Diego se angustiasse e procurasse um analista” (Capanema, 2019, p.72).

Ademais, o adolescente ainda se defrontou com o falecimento da avó e a prisão da mãe. Estes atravessamentos não o fizeram mais ocupar a antiga posição de risco, porém responsabilizar-se pelo cuidado das irmãs e sobrinha. Próximo a esses eventos, ele se casa e se torna pai. Para a autora, o advento da paternidade e o trabalho em análise o permitiram fazer uma nova nomeação imaginária, agora com o Real afastado da morte. “O que devolveu a dignidade da imagem perdida para Diego é a vestimenta fálica conseguida por meio da sua virilidade, que foi realçada pelo papel de provedor da família” (Capanema, 2019, p.73).

Por uma outra perspectiva, Macedo (2020) examina se o ato de tatuar pode promover uma amarração dos registros psíquicos. Para sustentar tal suposição, ela constrói o caso clínico de Calil, um sujeito que recorria às tatuagens, como um recurso subjetivo, para não mergulhar na melancolia. No movimento de formular uma hipótese diagnóstica, a autora discute as impossibilidades de reduzir Calil a uma determinada estrutura clínica, isso a fez recorrer às

formulações de Lacan sobre a topologia dos nós. Em outras palavras, operar pelo binarismo do nome-do-pai não abarcaria toda a complexidade subjetiva desse sujeito. Dessa forma, Macedo (2020) afirma que alguns funcionamentos da economia psíquica de Calil remetiam tanto a neurose quanto a psicose, no entanto, não se limitava a nenhuma das duas estruturas. Por isso, a psicanalista o alocou no campo de uma não-neurose.

Para a pesquisadora, em Calil, o Imaginário não se enodava aos outros registros, foi pelo ato de inscrever tatuagens que ocorreu uma rearticulação do nó. Ela ressalta que a amarração do paciente precisava ser constantemente refeita, pois envolvia um tipo de enodamento mais precário, mais capenga, porém, a autora entende que, ainda assim, ele conseguiu produzir uma nova forma de gozo. Pelo ato de tatuar, Calil enlaçou os três registros, “é como se, ao furar a carne inserindo nela um novo elemento, a tinta, Calil conseguisse alinhar real, simbólico e imaginário através das imagens que inscreve em sua pele e que remetem a algo de sua história” (p.257). Macedo (2020) compreende que Calil fabricou uma amarração não borromeana – que ela denominou de alinhavo de tinta – e fez disso uma maneira de atar os registros.

De maneira semelhante às construções de Macedo (2020), Cardoso e Franco (2017) apontam uma possibilidade de amarração também pelo corpo. Os autores escrevem sobre Laura, uma jovem de 16 anos que iniciou o tratamento com diagnóstico clínico de anorexia nervosa e depressão. Diferente dos outros trabalhos destacados até aqui que mesclavam a teoria com a descrição do caso, este se baseia em uma pura análise do caso clínico. Neste, a analista se questionava o que poderia ter promulgado a amarração da adolescente e o que operou como o nome-do-pai. Sobre o caso, os autores ressaltam que o corpo de Laura sempre ocupou um lugar de destaque. Na infância, alergias e recusas alimentares, na adolescência, anorexia e automutilação. Cardoso e Franco (2017) destacam que a relação de Laura com a mãe era pautada na subordinação e identificação ao desejo materno. Essa sujeição se desdobrava nos

diagnósticos psiquiátricos e em uma dessubjetivação da jovem.

A adolescente era fruto de uma relação casual entre a mãe e o pai e tinha um relacionamento muito distante com o último. Antes do início da análise, aos 11 anos, houve uma brusca mudança no seu comportamento, ali se iniciou a anorexia, os pensamentos de morte e a automutilação. Certa vez, a adolescente mutilou os pulsos e precisou passar por uma cirurgia para não perder o movimento da mão, deixando-a com cicatrizes. Ao iniciar o tratamento psicanalítico, a vivente associou os *cuttings* e a anorexia a sentir-se viva. Segundo Costa e Franco (2017), Laura também relatava não conseguir experienciar algumas emoções e colocava as pessoas em uma posição de dejetos. Na análise do caso, os autores marcam uma inversão na demanda da adolescente a partir de duas cenas clínicas: a primeira, por uma intervenção da analista que, ao se direcionar à paciente, ressaltou que no espaço do *setting* clínico não dava para falar de boca cheia, isso porque a mãe havia solicitado à filha que comesse durante o atendimento. A intervenção da analista marcou um ponto importante: aqui, fala-se! A segunda é quando Laura se incomodou com a dificuldade de não se vincular às pessoas e a raiva que sentia dos garotos. Ela relacionou esses fatos à frieza que o pai lhe tratava na infância.

Os autores acreditam que a primeira intervenção citada acima, no a posteriori, promoveu uma desidentificação ao desejo materno. Já o mal-estar que Laura sentiu a respeito dos seus vazios e distâncias que perpetuavam na sua vida, a formação de um sintoma. Após um tempo de tratamento, a jovem iniciou um trabalho como Design e customizava as próprias roupas. Para os pesquisadores, isso designou a construção de uma marca própria através do seu processo de criação. Da mesma maneira, suas várias cores de cabelos e seus diferentes modos de se vestir representaram uma queda na identificação ao então corpo anoréxico. Cardoso e Franco (2017) afirmam que Laura recorria às suas invenções corporais para se diferenciar e se proteger do Outro invasivo. Nessa direção, ainda em tratamento, ela fez uma tatuagem bem em cima da cicatriz do profundo e antigo corte no pulso, a tatuagem assinava a palavra "Hope".

De acordo com os autores, esse ato de se tatuar produziu uma nomeação amarrando os registros borromeanos, “do corpo ilegível – mutilado e imperceptível – ao corpo fundado pelo significante – Hope” (p.108)

Todos os autores citados acima, mesmo que por perspectivas diferentes, localizam, na singularidade dos sujeitos, outras maneiras de amarrar os registros psíquicos. Descrever estes estudos que reportem sobre as invenções paternas do contemporâneo auxiliam a pensar o caso de Mariana, visto que o consideramos não alinhado aos moldes clássicos. Ou seja, classificá-la dentro da operação simbólica do nome-do-pai não nos parece a leitura mais promissora. Por isso, foi necessário nos aproximarmos de algumas pesquisas que apontem um além do nome-do-pai. Nesse caminho, no próximo capítulo, traçaremos o percurso para construir o caso de Mariana, logo depois, iniciaremos a sua construção.

## Capítulo 2

### A Política Do Método

Ancorados no método psicanalítico, propomos, neste capítulo, descrever a forma de sistematizar a leitura do caso clínico de Mariana. Escolhemos construí-lo a partir da figura topológica de uma garrafa de Klein. Para formalização desse amparo metodológico, que será descrito nos próximos subitens, seguimos alguns direcionamentos apresentados na seguinte produção científica: *A garrafa de Klein como método para a construção de casos clínicos em psicanálise*, dos autores Dunker e Ravanello (2019). Da mesma maneira, nos alinhamos, ainda com Dunker, à outras publicações que versam sobre a construção de casos por esta topologia.

Conforme escrevemos na introdução desta dissertação, a nossa hipótese procura investigar, na singularidade do caso clínico da paciente, se o corpo pode promover uma amarração dos registros psíquicos. Para que consigamos caminhar com a questão supracitada, optamos por demonstrar a particularidade do caso em questão através da garrafa de Klein. Isso porque, como afirmam Ribeiro e Guerra (2018), os envoltórios e retornos desse recurso topológico compreendem e acessam níveis de sujeitos. Além disso, segundo Dunker (2014), por esta figura topológica, é possível demonstrar o percurso do vivente no tratamento psicanalítico. Em outras palavras, pode-se acompanhar o movimento do trabalho analítico – da saída de um estado à chegada há algum outro lugar.

Nesse sentido, na procura por rastros de sujeitos, supomos que há uma política engendrada no método psicanalítico. Consideramos que esta política é diretamente proporcional à construção de casos clínicos nas pesquisas em Psicanálise. Dessa forma, nesta seção, expomos a metodologia para analisar o caso de Mariana, assim como ressaltamos os aspectos políticos na construção do caso clínico.

#### 2.1. As Nuances Políticas na Construção de Casos Clínicos

Se recorrermos à própria definição de Freud (1923/1996) sobre a Psicanálise, ele



ênfatiza três campos: o primeiro, uma ferramenta investigativa dos processos psíquicos não acessíveis por outras formas; o segundo, um método que se enlaça à investigação para tratar os sofrimentos mentais; o terceiro, a partir da fusão entre os dois últimos, nos materiais obtidos cujo resultado poderia derivar em novas perspectivas científicas. Freud (1919/1996a), do mesmo modo, registra um ponto de tensão entre Psicanálise e Universidade. O autor era esperançoso ao afirmar que o método psicanalítico poderia ser ministrado nas salas de aula, apesar de deixar explícito que outras formas de organização desse ensino poderiam acontecer fora dos registros regulares. O precursor da Psicanálise sinaliza a importância em dialogar o saber psicanalítico com as outras áreas do conhecimento que não só a medicina, como a Filosofia e a Sociologia. Essa anotação expõe como a ideia de biologia, e seus constructos, fracassam para Freud. Ele foi tomado pelo objeto da Psicanálise e isso o fez promover um distanciamento com as ciências positivas ao instaurar uma outra maneira de operar no âmbito científico.

É nesses termos que Lacan (1966/1998) circunscreve, em *A ciência e a verdade*, o paradoxo entre os métodos científicos tradicionais e a Psicanálise. De modo simultâneo, o sujeito trabalhado pelo método psicanalítico é o mesmo das ciências modernas, porém, o desarranjo está na impossibilidade em advir um sujeito, em causa de desejo, considerando-o somente por aquele viés. Por essa perspectiva, o sujeito é estéril no seu saber, ele possui um panorama já pré-determinado, isso implica dizer que o saber do vivente fica apagado, sofre de lonjuras. Para Lacan (1966/1998), a desordem, no que tange à metodologia da Psicanálise, é a reintrodução da verdade do sujeito como causa. Verdade que só pode ser apreendida pela metade, nunca na sua completude. Nesta ideia, o significante emerge sobre o sujeito dividido e este não é um mero corpo biológico ou evolutivo, ele é causa.

Quando Lacan (1966/1998) demarca a ação sofrida sobre o sujeito dividido pelas Ciências Psicanalíticas, ele institui que esse saber se faz não todo. Essa Psicanálise não toda é

ressaltada por Guerra (2010) ao considerar que o método psicanalítico opera sobre a castração. A autora elucida que, além de reintroduzir o sujeito no discurso científico, a Psicanálise retoma o campo do Real também foracluído. Mas somente com esse vivente reconsiderado na narrativa científica é possível forjar a ciência da Psicanálise, visto que sua subversão está justamente em lhe conceder a palavra, posição ética que possibilita a escuta do inconsciente, seu objeto de pesquisa, e concomitantemente, a assunção do desejo (Guerra, 2010).

Em relação à dimensão do Real no âmbito científico, Lo Bianco e Costa-Moura (2017), à luz das ciências modernas, discutem as consequências destas no laço social. Elas entendem que a sistematização matemática e a exatidão dos seus conceitos eliminaram a dimensão de impossibilidade, ou seja, mensurar todas as variantes, inclusive o Real, tornou-se regra. Só que além de controlar as variáveis, a sequela deixada por estas metodologias operou como um fechamento no efeito que o significante exerce na cultura. Como desfecho, tem-se um esvaziamento da noção de historicidade e a quantificação do indivíduo, no entanto, a ciência não conta com a recusa do sujeito em escapar às medidas matemáticas e se fazer visto.

Podemos observar que transgressões na maneira de operar com o método psicanalítico, no campo científico, foram viabilizadas por Freud (1919/1996) e revividas pelos escritos de Lacan (1966/1998). Se Freud (1917/1996) localiza a descoberta do inconsciente entre as três feridas narcísicas que abalaram os viventes e, conseqüentemente, as ciências positivistas, Lacan (1996/1998) reintroduz o sujeito no âmbito do cientificismo.

Dessa maneira, Pinto (2009) registra que a diferença do método psicanalítico na academia é propriamente validar as contingências, o que desponta no contrário à universalização dos constructos. Dirimir o universal significa compreender que a pesquisa em Psicanálise é feita a partir dos significantes do vivente, ali nasce a teoria. Além disso, o sujeito-autor é parte integrante da investigação, ele aparece na lacuna do seu sintoma. Pinto (2009) descreve ser fácil compreender o porquê esta ciência é causa de estranhamento e incômodo na

Universidade, dado o fato que ela exige, em sua construção investigativa, a suspensão temporária do seu saber e uma posição a-teórica para que alguma causa advenha do sujeito.

Essa discussão que eleva a produção psicanalítica às contingências, só é possível pelas ações realizadas por Freud (1923/1996) no horizonte do seu tempo. No texto *Dois verbetes de enciclopédia*, ele reconta sua astúcia ao abandonar a hipnose e fazer valer a associação livre, ou seja, ao perceber o caráter de dependência entre paciente e médico pela via da sugestão, ele solicitou aos viventes que falassem o que viesse às suas cabeças sem sucumbirem as peripécias das repressões. Estas questões foram determinantes para depurar o inconsciente – objeto tão caro à pesquisa em Psicanálise (Guerra, 2010).

A invenção freudiana funda, podemos dizer, a condição inegociável que cedeu à *palavra* sua primazia. Para Checchia (2015), a subversão que possibilitou o aparecimento da associação livre e as manifestações inconscientes, está relacionada com a abdicação do precursor da Psicanálise em sustentar um posto de poder, tanto em relação à sugestão, quanto na função de médico. O autor reflete: “a técnica e a política da psicanálise, ou melhor, a *basiliké téchne* psicanalítica se originou dessa resistência de Freud a ocupar a posição do Um” (p.148).

Para nós, a política do método psicanalítico encontra-se aí, na descoberta freudiana de decantar os elementos inconscientes solicitando aos pacientes que fizessem uso da *palavra*. Compreendemos esta política aliada à construção de casos clínicos. Vale, então, apropriarmos do sentido empregado por Freud (1937/1996) sobre o conceito de construção, para depois retornarmos à política. Viabilizada pela transferência, o autor relança seu olhar à técnica da associação livre, acreditando que ela possibilitaria ao sujeito reminiscências infantis de afetos e lembranças recalcados. No seio da transferência, o analisando é incentivado a associar livremente, assim como, por meio dela, cabe ao analista auxiliar nas lembranças das memórias ocultas, principalmente no exercício “de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*” (Freud, 1937/1996 p.272).

Freud (1937/1996) associa as construções produzidas na sessão clínica com os achados de um arqueólogo – costurar e reconstruir elementos trancafiados. Nesse mesmo ponto, sobre a técnica, ele define uma diferença entre interpretação e construção. A primeira se relaciona com os conteúdos isolados produzidos na transferência, uma associação livre, ato falho, lapso, entre outros. A segunda implica o psicanalista, no âmbito do tratamento analítico, a devolver ao paciente recortes da sua história primeva que, até então, encontravam-se esquecidos. Em outros termos, a construção trata-se da junção e acréscimo de fragmentos que apareçam na transferência e a comunicação destes ao paciente. O que deve acontecer no território clínico é a construção, pois à medida em que surjam novos materiais e elementos na cena clínica, o psicanalista é impelido a construir algo sobre eles (Freud, 1937/1996).

Dunker e Zanetti (2017) transpassam o conceito de construção elaborado por Freud do método de tratamento, para o método de investigação. Os autores afirmam

transpondo o uso da construção no contexto do método de tratamento para a construção como método de investigação, percebe-se que o limite do que pode ser lembrado é dado pelo limite da preservação da forma narrativa. Quando esta fracassa em manter sua estrutura de ficção, que resguarda uma verdade transmitida, é preciso recorrer à construção, ou seja, à proposição de algo novo. É o ponto pelo qual se passa do documentário para a ficção. (p.28)

Garcia-Rosa (2008) recorda o caráter ficcional presente na metapsicologia freudiana. Mesmo parecendo esquisito pontuar a ficção que existe na teoria de Freud, foi por esta via que ele criou novos conceitos e hipóteses. Nesta mesma linha, Barth (2008) pontua que o caráter ficcional assumido pelos casos clínicos em *Psicanálise*, de início, pode sofrer críticas, mas é o justo fato desta ciência não corresponder aos métodos positivistas que torna plausível investir nesta invenção. A lógica ficcional diz respeito à impossibilidade de relatar a concretude de narrativas que ocorreu na cena clínica, reconta-se uma reformulação e, por isso, ela é fictícia.

Fédida (1991) questiona a possibilidade de a Psicanálise construir casos, e o que fazem destes casos a serem analisados e construídos. A questão é mais em como a apresentação dos relatos ganhará um curso discursivo, do que assegurar as suas singularidades. Ele assinala que o caso é construído quando transpassa a história e as descrições; “ é uma teoria em gérmen, uma capacidade de transformação metapsicológica” (p. 230). Por isso a natureza de ficção é tão relevante, pois ela produz “modelos clínicos deformáveis e transformáveis” (p.234).

Acordar uma maneira de demonstrar a experiência do caso clínico, no campo científico, é ressaltada por Vorcaro (2010). A autora realça que a pouca orientação de Freud sobre os delineamentos da técnica psicanalítica, é proporcional ao seu empenho em demonstrar a singularidade em detrimento da universalização do objeto. É pela mudez de táticas e estratégias que o precursor da Psicanálise conseguiu acessar os elementos inconscientes. É diante o esforço freudiano que a pesquisadora intima os analistas à responsabilização de reinventar o método da Psicanálise, em seu ato e a seu modo, ajustando uma forma de contar o caso, sempre único.

Pelas perspectivas de Garcia-Rosa (2008), Fédida (1991) e Vorcaro (2010), conseguimos supor que a capacidade de transformar conceitos e ideias, em psicanálise, se dá, desde Freud, no movimento de construir casos. Estevão e Hartmann (2020) demonstram um exemplo destas reformulações teóricas feitas pelo precursor da psicanálise. Ou seja, os autores exemplificam, pela leitura do caso Elizabeth, as remodelações sobre o conceito de sintoma e elaboram que Freud, ao se deparar com esta paciente, reescreve as causas dos conflitos psíquicos inter-relacionando-as à sexualidade infantil. Isto é, ele não mais localiza em uma razão externa o fator do traumatismo psíquico, mas como uma origem interna. “O que produz o recalçamento e a defesa não é reminiscência reelaborada de uma vivência infantil, mas o encontro com o desejo sexual infantil (normalmente incestuoso)” (p.137).

Os fragmentos do caso Elizabeth, considerado por Estevão e Hartmann (2020), é apenas um modelo que evidencia as variações ocorridas na base da teoria freudiana, principalmente

quando Freud se inclina na escuta dos seus pacientes. No entanto, uma pergunta ainda insiste: o que construir casos, nas pesquisas em Psicanálise, tem a ver com a política? Dunker (2017) bem ressalva a política do caso clínico, “o contexto, em que a formação de analistas e a transmissão da Psicanálise prescindir de casos clínicos, é o contexto, no qual os mestres manterão sua autoridade sem que nada na experiência possa questioná-lo” (p.207).

Nós concordamos com o pensamento de Dunker (2017). Localizamos que, desde Freud, há uma política engendrada na construção de casos clínicos. Ela se alia a prescindir de uma posição enrijecida de poder e analisar o desejo do sujeito, devolvendo-lhe à palavra. Na conjuntura das pesquisas em Psicanálise, uma palavra-texto. Consideramos que a política na construção de casos clínicos aponta para o retorno do sujeito, muito deles relegados às margens, no *em cena* da investigação científica. Ou seja, deixarmos guiar pela sua tonalidade, pelo seu discurso, pela sua verdade, e a partir disso, estabelecer pressupostos teóricos.

Para que consigamos construir o caso clínico “Mariana”, não perdendo de vista o princípio político que envolve a construção de casos nas pesquisas em Psicanálise, optamos por sistematizar as descrições e anotações das sessões ocorridas. Dunker (2017) adverte para uma diferenciação epistemológica na construção de casos clínicos em Freud e Lacan. Enquanto o primeiro persistia no relato histórico e “na arqueologia como modelo” (p.189), o segundo buscava a matematização, os preceitos lógicos e estruturalistas. Sem mal dizer um modelo ou outro, o autor propõe analisar o caso munido de Lacan e de Freud, por isto, ele recomenda uma metodologia que seja, simultaneamente, histórica e topológica. Uma orientação sugerida pelo pesquisador é construir o caso pela figura topológica de uma garrafa de Klein.

## **2.2 A Construção do Caso Clínico Pela Topologia da Garrafa De Klein**

Para estabelecer a organização dos materiais obtidos nas sessões de Mariana, contamos com o suporte do artigo *A garrafa de Klein como método para a construção de casos clínicos em psicanálise*. Neste texto, Dunker e Ravanello (2019) sugerem fundamentar o caso clínico

olhando-o por uma perspectiva elementar: a transformação. Eles supõem, inicialmente, uma equivalência entre método de investigação e método de tratamento. Os investigadores também sinalizam uma correspondência entre a construção de casos clínicos no propósito da formação de analistas, e a construção de casos para a transmissão do saber psicanalítico dentro do discurso científico. Isto é, “duas bandas de Moebius, com torções em sentido contrário, unidas entre si, formam uma superfície topológica conhecida como Garrafa de Klein” (p.100).

Semelhantemente, os pesquisadores argumentam que utilizar a garrafa de Klein para a construção de casos esclarece uma antiga problemática que percorre tanto o âmbito psicanalítico quanto as ciências tradicionais, e que diz respeito às noções de esfera privada e pública. Quer dizer, a dificuldade em construir casos clínicos estaria associada à passagem do campo privado, local onde se desenvolveu o tratamento, para o público, efeitos de publicação e apreciação pelo contexto científico. O pretexto, dito pelas ciências psicológicas e positivistas, de que há uma imprevisibilidade em mensurar a veracidade e a aplicabilidade nas pesquisas em Psicanálise, não compactua com a subversão psicanalítica de construir casos. Isso porque, desde Lacan, o sujeito não é compreendido como uma esfera fechada ou mesmo um envelope, separado em blocos; ele é entendido como uma descontinuidade. A metodologia da garrafa de Klein, então, tenta superar esta dicotomia entre dentro e fora, interior e exterior, público e privado e verdade e realidade. (Dunker & Ravello, 2019)

Sobre verdade e realidade, Dunker (2017) salienta que a concepção de realidade, para as ciências modernas, se alia à noção positiva de existência. Segundo o autor, a Psicanálise promulga uma inversão ao estatuto da realidade compreendendo-o pelo viés da negatividade. O conceito de inconsciente em Freud e de Real em Lacan denunciam estas diferentes alusões. O inconsciente é a negação da consciência sem demarcar a sua inexistência. O Real, por outro lado, é apreensível apenas em algumas percepções, como, por exemplo, na repetição. “Isso significa suspender nossa suposição corrente de que a realidade seja uma experiência

imediatamente acessível em sua totalidade” (p.191). Essa questão que marca a negatividade nos preceitos psicanalíticos, produz consequências na maneira como se alcança a verdade e, conseqüentemente, os parâmetros de verificabilidade que atravessam o seu método. Porém, segundo Dunker (2017), verdade e realidade, na epistemologia psicanalítica, não devem ser pensadas por um modelo totalmente esférico de execução (p.193). Nas palavras do autor:

passamos da realidade para a verdade por meio de uma torção, na qual não podemos localizar exatamente o ponto em que surge a ficção e onde desaparecem os fatos, e não obstante fatos e ficções estão presentes, permanentemente, em todo o conjunto do espaço” (p.193)

Como ressaltamos anteriormente, os autores propõem desenvolver o caso clínico observando as transformações ocorridas no decorrer do tratamento. Estas transformações podem ser localizadas no eixo da transferência, nas mudanças subjetivas do sujeito, do sintoma, do sofrimento, entre outros. A construção do caso, pela topologia da garrafa de Klein, deve, ao menos, destacar duas séries transformativas a partir de, no mínimo, dois grupos de relação. Nesse sentido, há duas hipóteses que sustentam a construção do caso por essa metodologia. A primeira, que método de investigação e de tratamento exercem uma torção sem que ocorra uma ruptura. A segunda, considera o método de investigação atravessado por diferentes cortes temporais, “que segmentam tipos particulares de casos clínicos. Isso depende do tipo de “sutura” ou de enlace entre as diferentes temporalidades que determinam o caso como um acontecimento” (Dunker e Ravello, 2019, p.101).

As distintas temporalidades são compostas pelo tempo histórico, o tempo mítico, o tempo do logos e o tempo da transferência. O tempo histórico abarca a descrição do caso clínico. É um tempo de narrar, de contar a história do paciente considerando seus aspectos “clínicos, terapêuticos ou de cura” (Dunker e Ravello, 2019, p.102). O tempo mítico “é o tempo cíclico e repetitivo próprio do mito, ou seja, o tempo sincrônico de mythos, segundo a



tese lacaniana do “mito individual do neurótico e segundo a noção freudiana de “romance familiar do neurótico” (p.102). Este tempo abarca o entrelaçamento entre demanda, fantasia e identificação. O terceiro tempo, o do conceito, coaduna as noções universais com a particularização de cada caso. Isto é, ele articula os episódios clínicos com as descrições conceituais visando proporcionar efeitos de singularidade. O último, o tempo da transferência, é o tempo do lado do analista e da sua capacidade em se desconectar desta função, elaborando os seus lutos, para, assim, assumir uma posição de autor-pesquisador. (Dunker e Ravello, 2019).

Os pesquisadores ressaltam que nem todas as temporalidades estarão presentes em todos os casos clínicos. Nesta pesquisa, faremos uso do tempo histórico, o tempo do conceito e o da transferência. Nesta dimensão, a metodologia da garrafa de Klein, acordam Dunker e Ravello (2019), pressupõe algumas sacadas lógicas, uma delas é perceber que o tempo do conceito assimila algumas formas temporais que permeiam o método. “Logos é formado pela combinação do tempo circular do mito com o tempo sucessivo da história” (p.105).

Nessa direção, a partir do capítulo 3, os pressupostos teóricos acontecem similarmente às narrativas da vivente. Ora, a construção do caso “Mariana” e o conceito disposto na literatura promovem uma torção, sem que haja uma ruptura, aos moldes de uma garrafa de Klein. Dessa maneira, para que possamos construí-lo tomamos emprestado o significante lapidar. Segundo o dicionário Aurélio (Holanda, 1999), lapidar é “talhar, polir, lavar, aperfeiçoar” (p. 1187). Lapidar as escritas clínicas é o que esse trabalho pretende fazer.

No total, serão analisadas quatorze sessões clínicas e todas transcritas logo após o término dos atendimentos. Cabe destacar que os atendimentos com a paciente se iniciaram depois do parecer de permissão do comitê de ética e as assinaturas dos termos de assentimento e consentimento da adolescente e sua responsável. Dessa forma, a autora examinará<sup>3</sup>, em

---

<sup>3</sup> Vale destacar que o caso clínico “Mariana” será narrado no passado e na primeira pessoa do singular.

transferência com os dados encontrados e sustentada nas supervisões clínicas, as linhas, entrelinhas e sem linhas do discurso da vivente. Assim, acreditamos que estaremos operando-a com a política do método.

## Capítulo 3

### A Construção Do Caso Clínico “Mariana”

Como diria Lacan (1976/2007), uma análise se ocupa de emendas e costuras. Nessa proposta, este capítulo visa iniciar a construção do caso clínico “Mariana”. Proponho descrevê-lo inter-relacionando com os registros Simbólico, Imaginário e Real. Isso porque os registros permitem traçar a dinâmica psíquica do sujeito, o que colabora na condução da clínica. O intuito da escrita do caso é acompanhar, durante as quatorze sessões decorridas, o que possibilitou às funções de amarração da paciente, assim como os seus desenlaces psíquicos. Começarei o capítulo apresentando quem é a participante dessa pesquisa.

#### 3.1 Mariana, quem tu és?

Mariana, uma adolescente de 17 anos, procurou atendimento na clínica psicológica da UFU devido às suas repetições de automutilação. Ela permaneceu na fila de espera durante algum tempo. Friso isto, pois no primeiro acolhimento, a paciente ressaltou não mais se cortar, porém se batia, arrancava os próprios cabelos e esmurrava paredes e objetos nos momentos em que sentia muita raiva. Os pais de Mariana eram separados desde a sua infância, ela residia com a mãe e o padrasto. A vivente cursava o segundo ano do ensino médio, mas não gostava muito de estudar. Dizia ter dificuldades em entender algumas disciplinas e que nem sempre a escola era um bom lugar para se estar. Principalmente com o início do ensino remoto, ela faltava bastante às aulas; primeiro, porque não tinha boas condições de acesso à internet e segundo, não conseguia concentrar nas lições ministradas. Antes do início da pandemia, quando se encontrava triste ou desanimada, a paciente ficava dias sem comparecer ao colégio. Em contrapartida, a jovem gostava de desenhos de mitologias gregas, assim como alguns poemas de Clarice Lispector. Da mesma maneira, contava com entusiasmo dos *piercings* inseridos no corpo e o desejo em pintar o seu cabelo em diferentes tonalidades.

Logo no primeiro atendimento, o único realizado em conjunto com a mãe, Mariana

sinalizou uma causa para o seu sofrimento, a saber, o relacionamento com o pai. Ela ressaltou: “todos esses problemas que eu tenho é relacionado com o meu pai”. Isso porque, o genitor era usuário de álcool e outras drogas, sendo o crack o mais frequente. Segundo Mariana, devido ao uso de substâncias, o pai sumia por semanas, as pessoas da sua família sempre o encontrava em um bairro específico e periférico da cidade. Vale destacar que esses episódios de sumiços continuaram a ocorrer enquanto as nossas sessões decorriam.

Ainda neste acolhimento, Mariana recordou uma recorrente passagem vivenciada com o pai na época da infância. A garota destacou que cabia a este a responsabilidade de buscá-la na escola. Sucedeu que, para não esquecer na instituição, o genitor a retirava mais cedo do colégio. A filha ficava com ele nas “bocas de fumo” até o momento de voltar para casa e em decorrência destes ocorridos, a família quase perdeu a sua guarda. Estas questões, somadas à difícil convivência dos pais após a separação, fizeram com que a vivente convivesse muito pouco com o genitor, ela pontuou que não tinha um pai de verdade. De acordo com a paciente, os limitados encontros com ele eram perpassados por muitas brigas, o pai costumava estar bêbado ou sob efeito de alguma substância e isto a deixava muito entristecida.

É possível deduzir, com estas narrativas de Mariana, que o seu pai de ‘carne e osso’ era sujeito a ausências, sumiços e desencontros. Mas parece que para além das concretas faltas, a possibilidade de uma transmissão simbólica ou mesmo uma identificação com um Ideal do Eu paterno não se processaram muito bem. Esta instância, fundamental no auxílio entre o Eu e o Outro e nas mediações da própria imagem, não foi marcada por uma identificação ao pai. Nesse ponto, se recorrermos à Freud (1913/2006), em *Totem e Tabu*, ele afirmava que um elemento importante para a organização psíquica do sujeito é a identificação com atributos paternos. Em outras palavras, o precursor da Psicanálise, além de marcar na gênese do mito parricida a internalização da Lei como fundante da civilização, apontou que a complexidade mitológica transpassa a condição da culpa enquanto traço da vida em sociedade. Ou seja, quando Freud

(1913/2006) elucidou que a morte do pai, o devorá-lo, fazia com que os filhos adquirissem um pouco da sua força, o autor, ao mesmo tempo em que dizia sobre uma herança transmitida entre as gerações, marcava na figura do pai uma possibilidade de identificação, porém, após o ato do assassinato, uma identificação ao pai simbólico.

A respeito desta identificação ao pai simbólico, no *seminário 5*, Lacan (1988/1999) elucubra sobre as instâncias Eu-Ideal e Ideal do Eu. Nestes escritos, o psicanalista francês teorizou que a criança, permeada pelo desejo de um Outro simbólico (muitas vezes à mãe) experiencia uma primeira simbolização. Enlaçado por um gozo incessante, imaginariamente, o bebê ocupa a posição do falo. Lacan (1958/1999) denominou esse primeiro momento – alienante – de Eu-Ideal. Na medida em que há uma barra ao gozo materno suscitada pela palavra do pai, o falo passa a pertencê-lo. A possibilidade de ter o falo e interferir com ele permite com que o pai seja internalizado pelo filho como Ideal do Eu.

Se no primeiro acolhimento psicológico Mariana demarcou que a causa da sua angústia estaria relacionada ao pai, nos atendimentos posteriores, já não mais na presença da responsável, ela elencou mais dois elementos que atravessavam o seu sofrimento, o relacionamento com a genitora e a religião evangélica. A convivência com a mãe será melhor detalhada no item 3.2, no entanto, nessa seção, destaco uma breve introdução sobre esta trama familiar. Ao longo dos atendimentos, pela narrativa da adolescente, ela descrevia uma convivência dramática e ambígua com a mãe: ora solicitava e se beneficiava dos cuidados maternos, como receber pão com manteiga e leite com achocolatado prontos todos os dias pela manhã, ora apresentava muita angústia pela não compreensão da mãe sobre seu jeito de ser.

Outra questão que penetrava na dinâmica entre mãe e filha se relacionava aos laços afetivos da adolescente. Segundo Mariana, o motivo de ter poucos amigos e quase não sair de casa era porque a genitora não deixava. O interessante é que, simultaneamente, a jovem acreditava que a mãe saberia lhe informar quem seria um bom namorado e uma boa companhia.

Por exemplo, antes de passear com algum colega ou iniciar um relacionamento sério, a mãe precisava conhecer estas pessoas. Dessa maneira, a paciente se sentia mais amada e confiante quando sua responsável apontava quem deveria ser seus vínculos amorosos.

Certa vez, a jovem afirmou: “É que minha mãe sabe das coisas, eu arrumei um namorado abusivo uma vez e minha mãe tinha me falado que ele não era boa gente.” Transcorreu que, do mesmo modo, a vivente reiterava que o único amor por ela conhecido era o materno, dela com a mãe e da mãe para com ela, assim dizendo, “amor para mim é tipo eu e minha mãe sabe, eu não sei se já amei alguém.” Nesta hora, eu a questioneei: “e qual a diferença entre esse amor que você está me contando com sua mãe e outros amores?” Mariana respondeu que deve haver diferença sim, mas não aprofundou o raciocínio.

Por estas (e outras) ressonâncias citadas nos dois parágrafos anteriores, parecia-me que Mariana encontrava na mãe o saber, a verdade e o gozo, mas, principalmente, encontrava na genitora um saber absoluto. Em outros termos, a mãe da adolescente, até mesmo a mãe que a paciente acreditava ter, era uma Mãe-Toda<sup>4</sup>. Aqui, antes de continuar a descrever e analisar o caso clínico, vale fazer um adendo. Conforme já sinalizei, aparentou não ter acontecido uma transmissão simbólica por parte do pai de ‘carne e osso’, entretanto, pelo menos nesse momento da adolescência, algo manteve Mariana enredada no laço social, inclusive sem desencadear uma clássica psicose. Estas inquietações sobre a sua dinâmica subjetiva, acrescidas, principalmente, à minha intensa vontade de localizá-la nas diversas e complexas teorias dispostas na literatura psicanalítica, exigiram-me retomar uma pergunta: Mariana, quem tu és?

Inicialmente, inundada pela angústia de compreender o que operava como pai para essa paciente, com muita rapidez, destaquei a sua arquitetura subjetiva circunscrita por um esvaziamento do simbólico. Não que o simbólico seja o principal regente da dinâmica psíquica

---

<sup>4</sup> A construção “Mãe-Toda” foi uma ficção necessária para a constituição subjetiva de Mariana. No entanto, uma ficção que não operava pela falta, pela castração.

de Mariana, porém, aos poucos, e sobretudo após as supervisões clínicas, entendi ser mais interessante pensar o seu caso a partir das articulações entre os registros Simbólico, Imaginário e Real. Isso significa ressaltar que utilizar a topologia borromeana para interpretar o discurso da vivente, é sinalizar as possibilidades que permitiram as suas funções de amarração, também é demonstrar as circunstâncias propícias ao desenlace dos nós, só que sujeita a novas invenções. É com estas reflexões que retomo a leitura do caso da vivente, ressaltando, em primeiro lugar, a relação de Mariana com a sua Mãe-Toda.

Recapitulando, eu disse, em parágrafos passados, que, até a adolescência, Mariana manteve-se enodada no laço social. Enquanto a escutava, questionava-me se o que a constituiu na qualidade de um sujeito falante ocorreu a partir de uma subjetividade com uma certa prevalência do Imaginário. Suponho que os registros Simbólico e Real mantiveram-se atados através da dimensão imaginária, sempre “capenga” e precária, com a sua Mãe-Toda. A função de amarração se operou na necessária ficção de que ela ocupava um lugar no desejo materno. Entretanto, aliado a uma mãe que sabia de tudo, especialmente, sobre a filha. Nestes termos, Capanema (2018) ressaltou três possibilidades de identificação presentes no ensino de Lacan, a identificação ao Imaginário do Outro Real, ao Simbólico do Outro Real e ao Real do Outro Real. Apoiar-me-ei à primeira alternativa por se aproximar da análise deste caso clínico.

A identificação ao Imaginário do Outro Real, para a autora, se liga imaginariamente ao desejo do Outro. Esse Outro não necessariamente é alguém que o sujeito tenha vínculo ou amor. A título de exemplo, Capanema (2018) citou que essa maneira de se identificar foi desenvolvida por Freud no texto *Psicologia das massas e análise do eu*. Neste escrito, o precursor da Psicanálise descreveu sobre a série de desmaios ocorridos em mulheres que residiam em um mesmo pensionato. Após uma primeira moça desmaiar por receber uma carta do namorado, outras seguiram o idêntico padrão. Segundo a pesquisadora, "esse tipo de identificação é a que acontece na constituição de um grupo, que funciona como um só corpo”

(p.101).

Essa identificação que regula um só corpo auxilia a pensar o caso clínico de Mariana. Pode-se cogitar que a torção fundamental do corpo infantil ao corpo sexuado e libidinizado, não foi de fácil transição para a jovem em questão. Talvez eu possa dizer que, ainda na adolescência, havia um duplo entre o corpo materno e o corpo da paciente, as bordas entre as imagens de uma e de outra não eram bem delimitadas. Essa questão da formação do duplo foi desenvolvida por Freud (1919/1996b) no texto *O estranho*. Para o precursor da psicanálise, nos primórdios da existência, o duplo exerceria uma função fundamental, ele se associaria a proteção da vida. No entanto, a continuação desse duplo, para além do narcisismo primário, é problemática e ameaçadora para o ser. Isso porque sua permanência é marcada por uma duplicação do eu: ou pela dúvida do sujeito sobre o seu eu ou o próprio eu é substituído por um estranho. A repercussão dessa formação e duplicação é sempre a repetição do mesmo.

Por esse ângulo, Safatle (2020), na sua leitura e retorno a Lacan, associou os duplos que aparecem no contemporâneo à fragilidade do Eu. Para o autor, o esfacelamento da imago paterna, ao invés de promulgar emancipações cuja direção seria novas imersões políticas e sociais, na verdade, produziu uma debilidade do Eu. Igualmente, o colapso do pai provocou tentativas de regressar a regimes de autoridade através de identificações massivas com duplicações de imagens de si. Nesta perspectiva, a formação do duplo recobriria a fragilidade do Eu “com as mesmas características limitadoras, explosões de raiva e misérias, mas em um lugar de pretensa onipotência” (p.39).

No caso de Mariana, seria plausível refletir que os resquícios da amarração imaginária com a Mãe-Toda se desdobraram, no período da adolescência, na permanência do duplo entre o seu corpo e o corpo materno e, por consequência, na posição de objeto de gozo da mãe. Se, por um lado, o duplo ofereceu uma certa amarração a paciente, uma consistência ao seu corpo, *a posteriori*, a repetição deste lhe foi ameaçadora e perturbadora. Na adolescência, Mariana



precisou se haver com os processos de dessidentificações e separação do Outro, o que não deixou de apontar a fragilidade do seu Eu. Voltarei a essas questões mais adiante. No entanto, não era somente com a genitora que a jovem buscava um saber sobre ela, com o ex-namorado, amigos e pastor da igreja também. No próximo item, destacarei esses convívios, porque eles se entrelaçam. Dessa forma, baseada em uma construção que aparecia em nossos atendimentos, intitulei a seção posterior com o significante “entram na minha cabeça”.

### 3.2 “Entram na Minha Cabeça”

Primeiramente, imagino que as funções de amarração de Mariana possibilitaram retomar seus vestígios de sujeito. Mas antes de irmos atrás das suas possíveis criações, faz-se necessário descrever as situações favoráveis ao desatamento dos registros. Calculo que as circunstâncias propícias ao desenlace do nó pautaram-se na procura e crença pelo saber absoluto do Outro e, conseqüentemente, o seu persistente lugar do *entre*.

No interior da cena clínica, narrativas demonstravam a posição do *entre* ela e o Outro, desses Outros que “entram na minha cabeça”. Tais quais, “eu tenho algumas certezas comigo, mas minha mãe consegue mexer, colocar na minha cabeça uma incerteza...eu tenho muita certeza que quero sair de casa, mas minha mãe fala que isso não vai dar certo aí eu fico sem saber.” Eu a perguntei: “Sua mãe acerta sempre?” A jovem respondeu que nem sempre, ao mesmo tempo, pontuou que esta não a deixava sair com quem não conhecesse. Além da genitora, Mariana falava que o ex-namorado e o pastor entravam na sua mente. Sobre o antigo namorado, em sessões diferentes, a adolescente assinalava o receio de este retornar à sua vida.

Nas investidas de Mariana para mover-se do lugar do *entre* ela rebatia certas atitudes da mãe. No entanto, muitas vezes, a jovem se sentia culpada e silenciada. Em uma das poucas lembranças contadas no *setting* analítico, a paciente recordou uma surra que recebeu da genitora por conta de fofocas feitas por uma vizinha. O fuxico era baseado em uma briga ocorrida na escola, envolvendo a adolescente e alguns colegas. Para Mariana, ter apanhado foi

uma injustiça, pois a mãe acreditou mais na palavra da vizinha do que na dela. Ao reclamar para a responsável das violências sofridas, a vivente afirmou que a mãe levava tudo “ao pé da letra; ela entende do jeito que quer, não do jeito que falo, isso é exaustivo.”

A este respeito, vale sublinhar: uma mãe “ao pé da letra” seria uma mãe que não produz metáforas? Uma mãe que sabe sobre tudo? Uma mãe que trabalha com a ‘cruza’ do significante? Passível de transmitir um dizer que nomeie, que amarre? Esses questionamentos me conduziram a retomar alguns escritos da Soler (2018), principalmente sua interpretação sobre os efeitos que a nomeação tem para um sujeito. Antes de adentrar no porquê do nome, a autora destacou ser importante compreender uma das viradas conceituais produzidas por Lacan em relação ao nome-do-pai. Para a psicanalista, uma dessas transformações foi suscitada pela introdução da concepção de “*naming*” (p.115). Ela explicou:

A tese que Lacan postula aí é que, para enodar tudo o que é da ordem do simbólico e do significante ao real, é preciso passar pelo “dar nome”. É claro que, assim que evocamos um nome, convocamos com isso o ato de nomear, o ato de dizer o nome. Não há nome sem um que nomeie, ou, em todo caso, sem “nomeante” [*nommant*], se puder utilizar essa expressão; de onde vem a redefinição do Nome-do-Pai. Mais um! A função radical do Nome-do-Pai, diz Lacan, é dar nome às coisas, com consequências que vão até o gozar (p.116).

Na perspectiva de Soler (2018), a partir da inclusão desse conceito o pai mudou de estatuto, o que acarreta não mais vê-lo somente como um significante, mas como um dizer que nomeia. A partir dessa reconfiguração acerca do nome-do-pai, a autora elencou a importância de ser nomeado. De antemão, seria fundamental medir “até que ponto a nomeação não é uma identificação e até mesmo em que medida se situa como contraponto, como contrapeso” (p.122). Isto é, o nome carregaria um “impredicável” (p.124) cuja função auxilia na despossessão dos significantes mestres vindos do Outro, assim como no excesso de saber que

o sujeito supõe ter da sua verdade. Do mesmo modo, a função de nomeação trabalharia recobrando o Real, ora um revestimento quando o significante “capenga”, ora nas falhas dos processos identificatórios.

Esse contraponto presente na função de nomeação, descrito por Soler (2018), é de difícil detecção e apuração no caso clínico de Mariana. A identificação com a mãe, dessa mãe *ao pé da letra* e que *entra na minha cabeça* é um exemplo. Se até a puberdade a suposição levantada era de que a jovem mantinha os registros Simbólico e Real atados por uma identificação imaginária com a sua Mãe-Toda – o que a isentava de responsabilizações e escolhas – essas situações pontuadas nos parágrafos acima me levaram a conjecturar que a forma de amarração sustentada ainda na adolescência aparentou ter sofrido um desmonte, um desenlace. Até mesmo outros discursos da paciente mostraram uma desarticulação nessa antiga forma de enodamento,

Ocorreu que, neste período, a genitora periodicamente a chamava de “vagabunda, encosto, decepção” – significantes com os quais a jovem se identificava. Por conta de alguns desses palavrões, ela acreditava, por exemplo, não conseguir finalizar os estudos do segundo colegial, dizia não dominar bem a leitura e a escrita. Igualmente, falava que não conseguiria arrumar um trabalho, pois ainda que fosse algo desejado por ela para sair de casa e até mesmo uma exigência materna, a mãe não a incentivava. “Vagabunda” era, sem dúvidas, o xingamento mais proferido. Em uma ocasião, esse palavrão foi empregado quando a genitora descobriu que a filha havia inserido *piercings* nos dois mamilos. Aliás, essa questão das intervenções corporais sempre foi motivo de muitas desavenças. A mãe se colocava contra a implementação desses furos e, muitas vezes, descobria só depois. Segundo a vivente, no dia da perfuração dos mamilos, ela se encontrava muito triste, foi um amigo sem nenhuma experiência na área que os inseriu. Por essas questões, antes de retornarmos às conjunturas propícias ao desenlace dos nós, faz-se necessário adentrar no mundo dos *piercings*.

Em muitas sessões, Mariana chegava mostrando os *piercings* inseridos no corpo. Enquanto decorreram os atendimentos, a adolescente os fixou no nariz, na orelha, em um dos braços e na língua. Além disto, relatou situações de *piercings* colocados antes do tratamento psicológico, como os furos nos mamilos. Esse conteúdo da corporeidade fisgou a minha escuta. Já no segundo atendimento, eu sinalizei: “me chama atenção essa questão do corpo; cortar o corpo, furar o corpo, bater no corpo, mutilar o corpo.” Acontece que não era só a mãe quem ia contra as suas transformações corporais, o pastor da igreja e colegas evangélicos também. Ela gostava de dialogar com eles sobre seus pensamentos suicidas, o relacionamento com o “abusivo” ex-namorado e alguns sonhos. Pessoas da congregação pontuavam à jovem que a relação dela com o antigo namorado, as transformações corporais e a sua bissexualidade eram “obra do satanás.”

Para elucidar melhor o movimento da paciente em relação a implementação desses adereços, eu levava essas narrativas para as supervisões no grupo de pesquisa do mestrado. Em uma orientação clínica, foi construída uma metáfora no que concerne ao corpo de Mariana. A metáfora apontava para a arquitetura de um corpo-mapa, ou seja, parecia que os pontos alocados pela adolescente almejavam mapear e demarcar algum território. Nesta lógica, uma autora que muito colaborou para pensar as transformações corporais é a Ana Costa (Costa, 2003/2010). Apoiei-me nela para refletir o caso de Mariana. A pesquisadora afirmou que as marcas corporais – as tatuagens, os *piercings*, e as escarificações – auxiliam na construção de uma imagem corporal.

Esses fenômenos não são formações clínicas, no entanto, é possível compreender como essas marcas aparecem na singularidade de cada caso levando em conta a pulsão e o signo que entram em jogo. As marcas corporais retratam a importância do olhar na constituição de uma imagem, o olhar é um traço que representa a exterioridade do Outro e ele contribui no funcionamento desse corpo. Similarmente, essas marcas são maneiras de fundar bordas, liames

corporais compondo um corpo próprio. Por borda, a autora entende aquilo que imprime nossa relação com os outros, as ambiências e as realidades, elas são o que permitem a inscrição sujeito/Outro. As marcas, paralelamente, percorrem um caminho de mão dupla: de um lado, esvaziam as imposições pulsionais, pacificando-as; de outro, imprimem um “limite” às exigências do grande Outro. Como saldo dessa produção têm-se uma mistura de erotismo e violência. “Faz parte tanto da busca da impressão de uma marca, de um traço originário, quanto da experiência de prazer/desprazer” (Costa, 2010. p.316).

Outras pesquisadoras que contribuíram nos estudos das transformações corporais foram Moreira, Teixeira e Nicolau (2008). As autoras classificaram as tatuagens, os *piercings*, as escarificações e automutilações como formas de linguagem, são modos de subjetivação. Para elas, escutar a inserção de tais marcas remete a algo da própria constituição subjetiva do sujeito, pois essas impressões atuam como um auxílio às identificações imaginárias. Esses atos corporais referem-se tanto à erotização de um corpo, quanto à inscrição de uma marca psíquica. As pesquisadoras chamaram atenção para a dor no processo de fixação e escrita desses objetos, retratando sua ligação masoquista “como constituinte de um novo desenho corporal, uma nova pele, uma segunda pele” (p. 589). Moreira, Teixeira e Nicolau (2008) ainda expressaram que essas formas de linguagem constituem uma fronteira entre o eu e o outro.

Possivelmente, por um lado, as transformações corporais implementadas por Mariana promoviam tentativas de inverter a sua posição do *entre*. Em outras palavras, um esforço em esvaziar, pelo menos um pouco, a palavra e a crença no Outro. Por outro lado, pressuponho que a paciente mapeava o seu corpo, com a implementação dos *piercings*, atestando um lugar de existência e resistência. Voltarei a esses dois pontos mais adiante. Coincidentemente, por conta dos xingamentos ditos pela mãe e das diversas brigas vivenciadas por elas, a forma de amarração que sustentava Mariana foi se desmanchando. Anteriormente, acreditava-se que o enodamento era circunscrito pela fantasia da jovem no saber absoluto da mãe sobre ela, o que

a isentava de responsabilizações e escolhas. Durante as sessões, presumo que o gatilho viabilizador ao desenlace dos registros aconteceu a partir de duas cenas clínicas: a primeira, quando Mariana se deparou com uma dúvida materna no que tange ao amor dispensado aos filhos, a segunda, no seu pedido de ajuda à mãe em uma das suas ideações suicidas.

Em determinado dia, Mariana discorreu que a genitora estava lhe culpando por suas crises de ansiedade. Neste contexto, a adolescente ressaltou: “minha mãe está brigada com meu irmão, aí esses dias ela veio brigar comigo e perguntou se eu achava que é possível uma mãe parar, amar menos os filhos.” Ao lado disso, em mais uma discussão com a responsável, a adolescente pediu auxílio diante de suas ideações suicidas. Conforme relatou a vivente, ela gostaria que a genitora soubesse o que poderia ser feito para acalmar esses pensamentos, mas a mãe não sabia e sua reação foi lhe dizer, “morre logo, então.” Neste dia, Mariana chorou muito, ficamos um tempo no atendimento acolhendo as persistentes lágrimas.

Entre uma sessão e outra, após esses dois episódios discorridos, a jovem apresentou muito sofrimento. Ela contava sobre um “cansaço mental” que vinha atrelado a um aumento dos relatos das ideações suicidas. Vale acentuar que a adolescente não induziu o ato do suicídio antes e nem durante o tratamento, o que ela ressaltava era: “esses pensamentos de vontade de tirar a minha vida simplesmente vêm.” Além disso, a paciente chegou a esmurrar uma parede e quase quebrou a mão, o seu polegar ficou bastante inchado. A vivente também ficou alguns dias sem conseguir assistir às aulas da escola. Outro evento foi a reaproximação com o antigo namorado. Este voltou a procurá-la mesmo a jovem alegando que ele “fazia de tudo para eu não acreditar em mim.”

Nesse período da interação com o ex-namorado, quando o encontrou aleatoriamente no carnaval da cidade, Mariana contou que mutilou os braços e as coxas. No decorrer do tratamento, as automutilações sucederam essa única vez. Eu insisti em perguntá-la o que ainda a mantinha em conversas com o garoto, pois ela o considerava opressor. A adolescente apontou

ter muitos problemas com o pai e, durante um tempo, achou que o padrasto supriria a falta paterna. Com essa objeção, a questioneei: “O que o pai tem a ver com o namorado, e com o padrasto?” A vivente respondeu: “Acho mesmo que é uma falta de amor, me falta amor.”

As situações descritas me convocaram a suspeitar que houve um desenlace na antiga forma de enodamento de Mariana. Antes o Imaginário atando os registros Simbólico e Real, agora uma sobreposição do Real em relação aos outros registros. Quando Mariana se deparou com a dúvida materna sobre o amor dispensado aos filhos, ou melhor, ao defrontar-se com o ápice da castração materna, ela quase se desfez da própria existência. Embora permeada por uma sobreposição do Real e uma tentativa de se amarrar por ele, Mariana empenhava-se para retomar a dimensão imaginária com o Outro. Ou seja, na ocasião em que a mãe não correspondia aos pedidos da jovem de direcionar qual caminho ela deveria percorrer na vida, a adolescente apelava aos amigos da igreja e ao pastor. A procura por pessoas da igreja se intensificou depois do seu batismo, ou melhor, a paciente se batizou nos preceitos evangélicos após insistências da genitora e de colegas – decisão que implicaria em não mais beber, retirar os *piercings*, não beijar mulheres, não fazer tatuagens, etc.

Mesmo depois do batizado, os furos no corpo continuaram a ocorrer, ainda que se tornasse mais um motivo de desavenças com a genitora. Enquanto as discussões com a mãe aconteciam, em função da filha não se alinhar aos princípios do batismo, a jovem pedia auxílio aos amigos da congregação para afagar o sofrimento, como por exemplo de uma colega que dizia à paciente que ela não deveria “desviar do caminho certo”, semelhante à postura que sua mãe sustentava. Na continuação do seu raciocínio, a vivente sublinhou mais conversas com membros da igreja por meio das quais as pessoas lhe repetiam, em função dos seus comportamentos, que “um dia Jesus cansa”.

Pode-se refletir que ao esbarrar em algo da ordem da castração materna, a paciente intensificava sua busca no saber do Outro sobre ela. Mesmo permeada por uma tentativa de

amarração que apontasse para o Real, não se via em Mariana, nesse momento, invenções que indicassem novas formas de enodamento. O que se observavam eram maneiras de regressar à ficção imaginária com a Mãe-Toda, conseqüentemente, ao saber absoluto do Outro, assim como em manter-se na posição de objeto de gozo deste.

Essa dinâmica de retornar a um lugar já experienciado pode ser melhor elucidado pelos escritos de Safatle (2016) acerca da melancolia. Segundo o autor, Freud a considerava uma fixação a um objeto, crença ou ideal perdido. No processo melancólico, um pedaço do Eu volta-se contra si mesmo através de recriminações e discriminações. O pesquisador, ainda em Freud, ressaltou que, na melancolia, uma porção do Eu acaba se identificando com o objeto de amor perdido. “Tudo se passa como se a sombra desse objeto fosse internalizada por incorporação, como se a melancolia fosse a continuação desesperada de um amor que não pode lidar com suas perdas” (p.62). A perda do objeto de amor colocaria em xeque parâmetros da própria identidade do sujeito.

Pouco a pouco eu compreendi o discurso da adolescente – acreditar e crer na palavra do Outro – dizia de algumas facetas dela própria, tendo em vista que ela parecia conceder a crença no saber do Outro sobre ela. Quanto mais ela procurava retornar às dimensões imaginárias com o Outro, mais atestava a fragilidade do seu Eu. Safatle (2020) lembrou que o Eu luta para construir um entorno semelhante a si. Essas elaborações do autor ajudaram a pensar, no enredo da jovem, um Outro de si mesma. Na seção anterior, ressaltai que a formação do duplo entre o corpo da paciente e o corpo materno sugeriria um Eu “debilitado”, apesar de, justamente, a composição do duplo recobri-lo. No entanto, as circunstâncias que apontaram para o revestimento da fragilidade do Eu sinalizaram um outro aspecto na posição da paciente: recuar-se diante a perda a um de objeto de amor. As recusas às necessárias perdas apareciam tanto nos seus processos de se separar do Outro, quanto na construção de um saber sobre ela. É por essa via que destacarei um Outro de si mesma, e as (im)possibilidades de um corpo.



### 3.3. As Margens de um Corpo ou um Corpo às Margens?

No parágrafo anterior, ressaltai o quão gradativo foi distinguir o Outro já presentificado na cabeça e no interior de Mariana, para além do outro de ‘carne e osso’. Essas questões, acrescidas ao excesso de certeza que eu supunha ter em relação a minha hipótese de pesquisa, tentando demonstrar e localizar Mariana nas outras Marianas presentes na literatura científica, tornaram a construção do caso clínico um desafio. Quer dizer, deixar-se guiar por ele não foi um manejo fácil. Mas outras circunstâncias dificultaram a sua construção. O “calcanhar de Aquiles” situou-se na dificuldade em reconhecer, por formatos e ângulos diferentes, que a maneira como o assentimento de Mariana em poder acreditar na crença dela com o Outro tocava a minha história e os meus consentimentos na crença em um Grande Outro. No caso da jovem, como intitulado na seção anterior, o significante “entram na minha cabeça” evidenciava um movimento: ao mesmo tempo que a cabeça era dela, também pertencia ao Outro.

Nesse contexto, em algumas sessões, Mariana trazia uma repetição na sua narrativa. Ela recusava alguns pensamentos que adentrassem à sua cabeça, principalmente, os de ordem reflexiva, assim pontuando: “eu prefiro não pensar nas coisas; quando eu não penso, eu fico melhor ou pensar é muito difícil”. Da mesma maneira, como aconteceu no episódio da automutilação, ela dizia, “a dor me faz parar de pensar, pensar demais igual eu é muito difícil”. Quando refletia sobre diferentes circunstâncias, a paciente ficava “triste e angustiada”. Para acalantar os seus mal-estares, a jovem escrevia poemas. Certa vez, em um destes ela anotou a frase “do filósofo sei que nada sei”. Eu a questioneei o que essa proposição representava. A vivente pontuou: “que eu não sei de quase nada”. O significante “quase” denunciou uma posição de Mariana: por mais que não soubesse de muita coisa, algo ela sabia! Caso assumisse um saber em relação a si, inevitavelmente, a garota perderia uma fração do saber do Outro sobre ela. É deste lugar de recusar um saber próprio que se notava uma faceta dela mesma.

Daí, torna-se importante recorrer ao texto freudiano *A negação*, um escrito em que o

precursor da Psicanálise descreveu sobre às margens entre o Eu e o Outro. Inicialmente, Freud (1925/2020) elucidou o artifício da negação, sucedido no *setting* clínico, como um mecanismo que promulga um furo no recalque. Essa suspensão temporária na lógica do recalque, mesmo sem ser admitida pelo paciente, possibilita que alguns conteúdos inconscientes possam adentrar os níveis da consciência. Para o autor, ao fazer uso das capacidades de juízo, quando o sujeito nega algo, ele, na verdade, gostaria de recalcar-lo. Além do mais, estas funções de juízo representam outras duas concessões: "atribuir ou distribuir uma qualidade a uma coisa, e ela deve aceitar ou contestar a existência de uma representação na realidade" (p. 307). A primeira se baseia na percepção do que pode ou não ser adotado pelo Eu. A segunda vai adiante de considerar os acolhimentos no Eu, mas se o que está representado neste pode ser encontrado na realidade.

Para além de entender se um objeto de satisfação será incluído no Eu, Freud (1925/2020) compreendeu que, quando este é encontrado no exterior, poder-se-ia apossar-se dele conforme a conveniência. Nesse sentido, o precursor da Psicanálise afirmou que toda representação se origina das percepções, portanto, os processos subjetivos (que ocorrem na interioridade) e os processos objetivos (as percepções externas) não foram postos desde o início. Essa oposição entre subjetivo e objetivo começa pela habilidade do pensamento de tornar presente algo que já foi percebido pelo Eu alguma vez, mas agora o objeto exterior não precisa estar mais presente. O autor elucidou: "o primeiro e mais imediato objetivo da prova da realidade não é, portanto, o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas sim *reencontrá-lo*, de se convencer de que ele ainda está presente" (308).

Afinal de contas, quando a representação existente no Eu pode reencontrar a percepção externa, para Freud (1925/2020), isto traduz bem a dinâmica do dentro e do fora. Assim, acentuei em Mariana uma recusa às reflexões que adentrassem o seu pensamento. Muito inclinada à forma de enodamento que lhe sustentava até a puberdade, a jovem ainda acreditava

que alguém poderia pensar por ela, o que se desdobrava na procura por um saber absoluto durante a adolescência. Isso deixou pistas sobre um diferente modo de desenrolar um Outro de si. Melhor dizendo, ao deparar com a falta no campo do Outro ou mesmo quando a dimensão imaginária com esse Outro falhava, Mariana indicava o quão perturbador era separar-se dele.

Como, por exemplo, nas ocasiões em que ela reclamava ser a “empregada doméstica da casa”, pois segundo a jovem, a genitora a exigia que limpasse a casa, lavasse as louças, encerasse o chão. Nesse ambiente, a vivente reclamava que o padrasto não ajudava em nada e ficava chateada com a mãe porque ela não o obrigava a colaborar. Além do mais, marcava na chegada do padrasto a piora no relacionamento com a responsável, dizendo que “homem só atrapalha a vida de uma mulher”. O curioso é que, ao mesmo tempo em que a paciente se queixava de ter que arrumar a residência, cumpria todas as exigências maternas, enquanto a mãe permanecia deitada no sofá. A impressão é que a adolescente sustentava o lugar da “empregada doméstica” ora para manter-se alienada ao desejo materno, ora ocupando uma posição viril, isto é, ela quem faz par com a mãe, não o padrasto.

Sob o ponto de vista da dificuldade de Mariana em separar-se do Outro, poder-se-ia pensar que a jovem renunciava à própria perda que a separação garantiria. Para Soler (2019), Lacan considerou a alienação e a separação de operações psíquicas às quais a falta do sujeito esbarra-se com a falta no campo do Outro. Desse modo, o sujeito, na realização da separação, se serve da falta do Outro para localizar-se na própria falta. Só que se separar do Outro pressupõe uma perda fundamental. É servindo-se desta que o vivente adentra no âmbito do simbólico e institui a si próprio, na dimensão do *eu sou*. De acordo com a psicanalista francesa, nos deparamos com os dramas da separação em diferentes âmbitos da vida, tal qual nos relacionamentos amorosos, no interior dos grupos, entre outros. Diferentemente das suposições levantadas de que os processos de separação causam destituições subjetivas, para Soler (2019), a partir de Lacan, é daí que o sujeito se institui. Como se trata de uma operação que

reencontramos ao longo da existência, ela só se sustenta pelo registro do nome-do-pai.

Por mais que houvesse uma perturbação, por parte da paciente, na necessária operação de separação ao Outro, algo escapava e apontava para tentativas de se fazer mais que a crença dela neste. Ao longo dos atendimentos, Mariana ressaltou “ódios, raivas” às pessoas e a ela mesma, assim como realçou abandonos, ausências, indignações e revoltas, chegando a destacar que lhe faltava amor. Na história da jovem, essas questões que registraram a errática das dimensões do amor, convocaram-me a pensar se o que lhe permitia escapar da submissão ao Outro acontecia pela via do corpo, de onde retorno às questões da corporeidade. No item 3.2, sublinhei as investidas de Mariana em explorar o seu corpo, com as marcas corporais, uma busca por uma demarcação de um território. Pode-se pensar que isso prenunciava um esforço para constituir um corpo próprio. Também demarquei, na implementação dos *piercings*, uma tentativa de esvaziar a palavra e crença no Outro. Ou seja, por mais que os amigos da igreja e a própria mãe execrassem as suas transformações corporais, elas continuavam a ocorrer.

Nessa perspectiva, é possível cogitar que o corpo de Mariana desempenhava a função de um litoral. Em outras palavras, era pela via do corpo que ela fazia caber, como diria Freud (1925/2020), um dentro e um fora. Na tentativa da adolescente em constituir um corpo próprio, seu corpo bordeava a relação dela consigo mesma e com o Outro. No tocante a matéria da corporeidade na adolescência, Macedo e Almeida (2019) ressaltaram que, na puberdade, há uma reconstrução dos orifícios e bordas, antes representados pelo auxílio do Outro, agora necessitados de uma nova operação de (re)constituição. As pesquisadoras descreveram: “é a partir da silhueta recortada da realidade do mundo que nos diferenciamos dos outros objetos que o habitam, estabelecendo um interior e um exterior e possibilitando a circulação de um corpo social” (p. 141). Ainda nesse artigo, as autoras destacaram que as marcas corporais, ao aparecerem na passagem do adolescer, parecem sinalizar para a (re)construção de um corpo pulsional, tornando-o libidinizado e representado. São estes elementos – libidinizar e

representar – que permitem ao corpo circular socialmente.

O problema é que a maneira como Mariana manejava o seu corpo, tanto com as inserções dos *piercings*, quanto nas automutilações, esmurro nas paredes, murros nela mesma, permitia visualizar repetições que culminavam em mais gozo e mal-estares. Por esse lado, vale recordar as elaborações do caso clínico até esse momento. Rememorando, demarquei a amarração da paciente sustentada na dimensão imaginária com a sua Mãe-Toda. De certa forma, esse enodamento a manteve enredada no laço social. Na puberdade, as formas de atar os registros se inverteram, o Real se sobrepôs aos outros nós, apesar da adolescente desejar retornar à antiga forma de amarração. Sabe-se que uma tentativa de enlace pelo Real é passível de atuações. No caso da vivente, os resquícios dessa forma de atar os registros apontaram para os *cuttings*, o esmurro da mão na parede e o risco do furo no mamilo, já descritos na seção anterior desta análise. A suspeita era que as atuações da adolescente, assim como as suas transformações corporais, ensaiavam promover separações e diferenciações do Outro, porém, não sem um endereçamento a ele. Por isto, seria concebível dimensionar as atuações que atravessavam o corpo de Mariana no campo do *acting-out*.

Torres (2010) localizou o *acting-out* articulado com o Outro. O autor o interpelou no campo da atualização da fantasia e do *objeto a*. A fantasia é o enquadre que possibilita a distância necessária entre o sujeito e objeto, além disso, como uma particularidade, ela tece mediações ao gozo. Quando o vivente é tomado pelo objeto, a fantasia se esvai. Como resultado dessa lacuna têm-se a angústia. Para o pesquisador, “ a relação do *acting-out* com o *objeto a* passa pela fantasia através do processo de sua atualização” (p.125). Essa atualização, segundo Torres (2010), se define pelo que Lacan denominou de mostração. Nos termos do pesquisador:

Por um lado, há aquilo que deve ser mostrado porque não pode ser dito. É a dimensão relativa ao objeto a presente na montagem fantasmática. Essa é a parte que fica articulada como satisfação pulsional, dimensão que Freud já detectara clinicamente quando falava sobre o aspecto de descarga presente no acting-out. Por outro lado, falar em mostraçãõ indica como o acting-out também se coloca em profunda articulação com o Outro. Porque é necessário que haja um Outro a quem mostrar a montagem da fantasia. (p.125)

Mesmo intentando promover, pela via do corpo, separações e esvaziamentos do Outro, a jovem permanecia no intacto lugar, isto é, recusava-se em perder uma parcela do saber absoluto do Outro. A adolescente continuava a confiar em algumas falas absolutas da mãe sobre a filha ser “a maior decepçãõ da vida dela ou não estar seguindo as regras do batismo”. Similarmente, ela acreditava quando a genitora insistia não estar valendo nada o processo de análise. Mariana ressaltou que guardava em “caixinhas na cabeça” as nossas conversas em sessãõ, porém, quando a mãe dizia que ela não estava melhorando, a paciente achava que a genitora sabia sobre o seu tratamento. Segundo a vivente, essas falas maternas conseguiam fazê-la se isolar das pessoas e ficar sem desejo de fazer nada.

É possível deduzir que quanto mais Mariana endereçava um saber ao Outro, mais permanecia no mesmo ponto, a subjugaçãõ. É interessante acompanhar as construções que Safatle (2020) fez sobre o estado de submissãõ associado a revolta estudantil ocorrida em maio de 1968. Nesta, os estudantes pleiteavam a incapacidade de algumas teorias no reconhecimento de “uma agência emancipada que não seria, à sua maneira, reiteraçãõ das posições previamente normatizadas por uma estrutura metaestável” (p. 30). Safatle (2020) reiterou que, para Lacan, o movimento dos estudantes não possuía o caráter da potência de um ato, ou melhor, eles não promoviam rupturas transformativas vistas no efeito de um ato – o de fazer emergir inovados sujeitos políticos. Pelo contrário, o filósofo afirmou que, para o psicanalista francês, a revolta

se aproximava mais de um *acting-out* porque almejava a restituição de um mestre.

Ora, se estou dimensionando que os *acting-out* mantinha a paciente na mesma dinâmica subjetiva, até esta ocasião da descrição do caso clínico, eu não poderia afirmar a presença de uma inversão na sua posição dialética. Melhor dizendo, aos moldes de uma garrafa de Klein, na passagem pelo cilindro de revolução<sup>5</sup>, Mariana permanecia no contínuo movimento de acreditar no saber absoluto do Outro. Em outras palavras, ela demandava os significantes mestres vindos deste.

Nesse sentido, esse duplo movimento da jovem, endereçar-se a um mestre e tentar separar-se deste, podem ser melhor elucidados através de algumas contribuições feitas por Calazans e Bastos (2010). Em relação a produção de um *acting-out*, os autores teceram alguns aspectos que se entrecruzam: por uma perspectiva, o sujeito mantém uma certa distância do campo do Outro; por outra, o espaço que ficou vazio, essa hiância, acaba sendo apossada por este. Nesta dimensão, os pesquisadores descreveram que “não se pode dizer que se trata de um modo de romper com o Outro no *acting-out* e sim de um modo de responder a este Outro, quando o sujeito não tem mais um hiato que o separe dele” (p.251).

Ou seja, os *acting-out* ainda mantinha Mariana na crença em um Outro absoluto, em um Outro consistente, não-faltante. Isso aproximaria em dizer que, mesmo o corpo operando como um litoral, muitas vezes, ele fracassa. No caso de Mariana, apesar do seu corpo margear a relação entre ela e o Outro, concomitantemente, é um corpo às margens de gozos e mal-estares. Na medida em que a jovem endereçava um saber ao Outro, ela permanecia na posição de objeto de gozo deste. Seu arranjo de subjugação conservava-se, sua recusa a separação e escolhas também, o que me faz continuar a refletir o manejo da adolescente com o seu corpo.

---

<sup>5</sup> Dunker e Ravanello (2019), baseados em Lacan, traduzem o círculo de revolução como “o ponto de juntura entre o cilindro que transpassa a parede da garrafa e se distende até a sua base, é o ponto no qual se decide se as voltas da demanda retomarão seu circuito, renovando o trajeto originário, ou se, ao contrário, há inversão do sentido da demanda e se poderá pensar uma separação com extração do objeto a” (p. 102).

### 3.4 A Insistência de Um Corpo: Efeitos de Existência

Em determinada sessão, Mariana contou que havia inserido um *piercing* na língua. A paciente ressaltou que ela e a mãe haviam combinado de irem até um estúdio para fazerem tatuagens juntas. Cada uma faria um desenho diferente, porém o ato experienciado seria o mesmo, o de se tatuar. Ao adentrar no local, a jovem se viu diante o desejo de furar a língua, ao invés de escrever tatuagens com a mãe. A vivente solicitou à genitora para que pudesse implementar o *piercing*, esta hesitou em aceitar o procedimento, mas não a impediu. A adolescente, então, promoveu a troca: ela furou a língua. Mariana descreveu a ajuda materna nos cuidados com o furo fixado, a mãe colaborou na melhora da cicatriz, diferente das suas outras transformações corporais.

Vale ressaltar que, inicialmente, a minha escuta estava capturada na regressão da adolescente em relação aos cuidados maternos, entretanto, em uma supervisão do grupo de pesquisa, foi-me apontado que a partir do furo na língua a jovem produziu uma diferença em relação à mãe. Isso significa interpretar que o possível duplo existente entre o corpo da mãe e o corpo da adolescente, conforme destacado na seção 3.1 e 3.2, não se materializam no enredo da tatuagem. A paciente restituiu, separou claramente, quem é a mãe, quem é a filha. As bordas entre a imagem de uma e de outra foram reeditadas, elas foram refeitas pela via do corpo.

Há um outro importante ponto sobre essa cena do furo na língua: em sessões anteriores, Mariana chegou a anunciar a vontade de furá-la. Porém, o que não havia sido declarado e premeditado era o fato de incluir a mãe nesse episódio, ainda mais, de efetuar uma escolha diante dela. Embora o combinado fosse fazer tatuagens com a genitora, a jovem escolheu efetuar a troca entre a tatuagem e a inserção do *piercing*. Bem no início do *Seminário 23*, Lacan (1976/2007) certificou que Joyce fez uma escolha, por isso, praticava uma “heresia”. O autor parecia sinalizar que a escolha de Joyce se vinculava à sua arte, foi esta que supriu uma “firmeza fálica” (p.16). O psicanalista francês sublinhou: “é preciso escolher a via por onde



tomar a verdade. Ainda mais porque a escolha, uma vez feita, não impede ninguém de submetê-la à confirmação, ou seja, de ser herético de uma boa maneira” (p.16). Além disso, na lição de *13 de abril de 1976*, Lacan (1976/2007) reforçou que o sujeito colabora para a existência do seu próprio inconsciente. Aliás, ele não é um sujeito passivo, mas às voltas de criar uma língua que sustente o seu inconsciente. Por exemplo, para o psicanalista, há uma diferença entre enunciar “eu tenho de dizer” (p. 129) de “eu devo dizer” (p.129). Isso porque a conotação do verbo implica uma posição ativa do vivente, ela é uma condição para que a língua e o inconsciente continuem vivos, concomitantemente.

A partir de Lacan (1976/2007), consumir uma escolha provoca efeitos de verdade e, por consequência, efeitos de sujeito. No caso de Mariana, talvez o processo de análise tenha contribuído para que ela efetuassem as suas escolhas. Agora, parece que a escolha da paciente aconteceu pelo corpo. Dessa forma, vale destacar que nós tivemos poucas sessões após furo na língua, logo depois o tratamento se encerrou.

Na penúltima e última sessão em que estivemos juntas, a jovem relatou uma mudança na postura da mãe, os xingamentos não ocorriam mais com tanta frequência. A adolescente afirmou: “de um tempo para cá, está um pouco diferente, ela não tem xingando a gente, ela tem tratado a gente melhor.” Mariana conseguiu conversar com a genitora e expressar que sofria com as suas “ignorâncias” e com as “ignorâncias” de outros membros da família. Eu perguntei qual a opinião dela, o que poderia ter acontecido para tal modificação no comportamento materno. A vivente sublinhou que não estava lhe respondendo com a mesma “ignorâncias”, mas “ignorado” algumas de suas falas. A garota fazia isto por duas vias, ou permanecia mais tempo no seu quarto ou arranjava alguma outra coisa. Eu coloquei: “Você está dizendo que algumas mudanças suas podem ter contribuído para algumas dela?” A resposta foi que sim: “é que estou tentando que minha mãe não entre mais tanto na minha cabeça.”

Da mesma maneira, Mariana contou que, como de costume, em quase todas as manhãs,

a genitora levava o seu leite quente na cama. Diferente de outras vezes, a jovem expôs à mãe que não precisava mais trazê-lo, pois ela começaria a tomar o café à mesa, como todos da casa. Paralelamente, Mariana referiu uma nova conversa com o ex-namorado, nesta a adolescente aproveitou para parabenizá-lo pela paternidade, também salientou que o antigo namorado não gostou do tom dos seus parabéns. De acordo com a jovem, o garoto começou a lembrar situações ocorridas enquanto eles se relacionavam, ele chegou a dizer que a vivente não foi uma boa namorada e não era mulher para estar junto. Mariana conseguiu respondê-lo, pela primeira vez, alertando-o de que não adiantava “tentar entrar na sua cabeça”, ela não deixaria mais isso acontecer. A paciente ainda ressaltou ter percebido que dependia dos seus posicionamentos para colocar um ponto final nas falas e atitudes do ex-namorado.

Retornando às possíveis interpretações em relação as questões que envolvem a corporeidade de Mariana, na seção 3.3, dimensionei o seu corpo como um litoral, margeando a relação entre ela e o Outro. Um corpo atravessado por atuações e transformações corporais, isto é, ele deslizava mal-estares e gozos. Quanto mais a jovem se endereçava ao Outro, mais permanecia na recusa em perder uma fração do saber do Outro sobre ela, mantendo-se no mesmo estado de subjugação. Se recorrer à literatura científica, Mieli (2002), como citado em Ramirez e Dunker (2021), considerou as intervenções corporais como atos que visam inscrever um traço da função paterna. Essa forma de subjetivação “narcísico-social” (p.184) fracassa na medida em que tenta provocar a inscrição de um traço único. Ou seja, quanto mais repetições vão ocorrendo no que concerne às mudanças corporais, mais fraqueja no objetivo de instaurar a função do pai, isso porque essa função é escrita por um traçado singular e sua proliferação descaracteriza a sua função. Por outro lado, como salientou Costa (2010), a matéria do corpo e dos atos de furá-lo é um funcionamento que carece o olhar e a leitura. Como acontece na puberdade, as marcas demonstram um estado imoderado do objeto e denunciam sua presença demasiada. Nesse conluio entre corpo e escrita, entende-se que o sujeito “busca pela escrita de

um ponto inapreensível que pudesse presentificar uma perda de gozo, enquanto elemento separador corpo/outro, resultado dessa perda” (p. 319).

Mieli (2002) e Costa (2010) apresentaram distintas ideias em relação as transformações corporais, cabe compreender como as intervenções no corpo foram ocorrendo em Mariana. Já ressaltai que algumas dessas marcas, por exemplo, o furo dos mamilos, os *cuttings*, tinham um caráter de *acting-out*. Nesse sentido, suponho que ao se deparar com a falta no campo do Outro, tal como a difícil dúvida materna em relação ao amor dispensado aos filhos, de certa forma, a *posteriori*, Mariana pôde caminhar e se movimentar na vida. Pouco antes do furo na língua, apesar de ainda relatar muito “cansaço mental”, ela se direcionou mais aos seus pensamentos e já não mostrava tanto receio em refletir e implicar-se com a sua própria dinâmica diante do Outro. Ela ressaltava que “cansou um pouco” de tentar agradar a mãe e de crer em tudo o que ela falava. Nesse meio tempo, a adolescente pintou partes do seu cabelo de azul e, mais uma vez, isso causou desgastes e brigas com a genitora.

Aqui, a questão que se apresenta é: a escolha de furar a língua se diferenciaria das outras intervenções corporais? Suspeito que sim. Coincidiu que, no enredo do furo na língua, Mariana consentiu em perder algo, melhor dizendo, ela perdeu a possibilidade de escrever no seu corpo a mesma marca corporal que a mãe escreveria no corpo dela: a tatuagem. O possível duplo entre o corpo materno e o corpo da mãe não se reeditou na cena do furo na língua. Dito de um outro modo, nesse episódio, Mariana não gozou do corpo do Outro. Aparentava que a adolescente anunciava um desejo de esvaziar a crença absoluta que ela tinha neste. De novo, a maneira encontrada pela jovem para se diferenciar foi pelo corpo, que operou como uma âncora para escapar do saber do Outro.

Em Mariana, suponho que o furo na língua promulgou uma nova amarração. De início, eu presumia o seu enodamento associado à dimensão imaginária com a sua Mãe-Toda, o que se desdobrava em infindadas duplicações entre a imagem de Mariana e a imagem do Outro.

Esse precário atamento pareceu ter sustentado, por um tempo, Simbólico e Real unidos, porém sem nenhum outro elemento que os entrelaçasse. Facilmente, como pudemos acompanhar em outros campos dessa análise, essa capenga sustentação se desmanchava e Mariana se via mergulhada em angústia e sofrimento.

É nesse sentido que supus que o provável lapso do nó da paciente ocorreu entre o Imaginário que se desdobrava e deslizava sem encontrar um limite e o Real do gozo do Outro, isto é, na sua permanente posição de subjugação. A suspeita foi que, ao ocorrer um arrefecimento das duplicações das imagens, o Imaginário encontrou um ponto de parada, a saber, o furo. Em outras palavras, a escolha da jovem em furar a língua marcou uma barreira ao gozo do Outro. A paciente autorizou-se em perder uma parcela do Outro absoluto, e isso de deixar perder alguma coisa que sustentava a imagem de um Outro não é sem consequências para um sujeito. Dessa vez, no enredo do furo na língua, a paciente não colocou o seu corpo diante de uma escrita. No entanto, concebeu um furo com valor significante, um furo que compôs a linguagem. Conforme já dito no capítulo 1, em Lacan (1976/2007), é o Simbólico que faz furo. Ao colaborar na interpretação dessas construções lacanianas, Soler (2018) as aliou à sua explicação sobre o imprevisível (esclarecido no item 3.2). Ou seja, o furo do simbólico apontaria para um impossível “ou proibição” (p.127), além de não colidir com o Real.

A aposta foi que furo na língua originou e possibilitou um esvaziamento da consistência, um esvaziamento na lógica do Todo. O que, possivelmente, permitiu uma reparação do nó da adolescente, deixando, agora, Imaginário e Simbólico enodados. A suposição era que a Mariana continuava a fazer uma nomeação pela via do Imaginário, mas com um Real do gozo do Outro mais apartado, mais distante, pelo furo do simbólico.

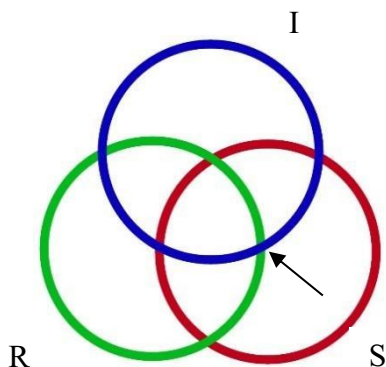


Figura 1: Lapso do nó de Mariana

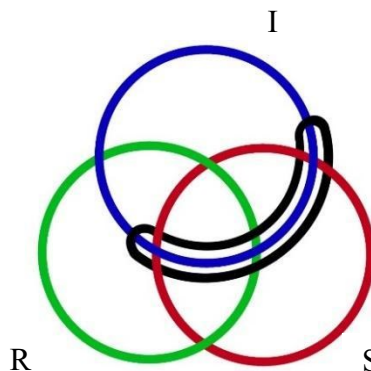


Figura 2: Redobramento do imaginário ocorrido em Mariana.

Por mais que a sensação fosse de que a jovem ainda permanecia em uma posição de gerúndio, isto é, "tentando" com que os outros não adentrassem à sua mente, após o furo, ela aparentava esforçar-se para construir um saber. Com isto, obteve algum impacto de barrar, de falhar o gozo do outro sobre ela. Voltarei a esses pontos na discussão do caso clínico, no próximo capítulo. Sendo assim, retorno ao debate do corpo da adolescente. Ele se localizava no tênue limite entre o fracasso e a insistência na existência. Em certa medida, o corpo da vivente apontava para a errância, porém sinalizava tentativas de existir. Se, por um lado, alguns manejos de Mariana com seu corpo a faziam permanecer no mesmo estado de subjugação ao discurso do Outro, por outro lado, persistia em fazer laço social e em inverter a sua posição de resto. No capítulo subsequente, discutirei os aspectos vistos no interior da corporeidade de Mariana, o fracasso e a existência, e, em paralelo, a invenção do furo.

## Capítulo 4

### No Entre a Clínica e a Política: Discussões Sobre um Corpo

Baseado em algumas construções de Soler, Pacheco Filho (2010) conceituou o corpo como um efeito de discurso. Por ser atravessado pela linguagem, ele é insubordinado, subvertido e não acompanha linearmente os princípios das funções orgânicas. Ao contrário, é penetrado pela descontinuidade das pulsões (*Trieb*) e pelos seus desmembramentos nas zonas erógenas. Até mesmo após a morte de um corpo, os rituais de cuidado continuam a ocorrer, como tal, pode-se dizer que a *Trieb* se endereça ao laço social. Para o autor, o corpo imerso no capitalismo contemporâneo é essencialmente desprovido de um revestimento pulsional, é um corpo carente e que “cada vez mais desloca seus circuitos para envolver os objetos-mercadorias” (p.2). Objetos-mercadorias que se desdobram, na contemporaneidade, em objetos mais-de-gozar. A questão é que quanto mais envolvidos e permeados por objetos-mercadorias mais denegação da castração, dominação e subordinação dos corpos.

É sob esse espectro que se pode pensar o corpo e a atualidade. Antes de adentrarmos nas discussões do caso clínico “Mariana”, vale descrever um breve panorama de como os corpos têm se apresentado e manifestado no contemporâneo. Nada melhor que recorrer a reportagens, blogs e redes sociais para fazer elucidar tal proposta. Nessa perspectiva, em duas diferentes reportagens postadas no site G1<sup>6</sup>, cujas datas são 05/10/2020 e 08/07/2021, o “Diabão” e a “Mulher Demônia” foram entrevistados. Esses são os nomes de circulação social desses dois sujeitos que passam por modificações corporais extremas. “Diabão” tem mais de 66 transformações no corpo, incluindo chifres no rosto. A “Mulher Demônia” apresenta 60% do corpo coberto por tatuagens e, da mesma forma, possui chifres na testa. O objetivo do

---

<sup>6</sup> As reportagens podem ser acessadas nas seguintes páginas:  
<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/10/05/diabao-e-mulher-demonia-de-praia-grande-sp-mostram-modificacoes-corporais-veja-antes-e-depois.ghtml>  
<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/07/08/66-modificacoes-e-85percent-do-corpo-tatuado-como-michel-praddo-se-tornou-o-diabao.ghtml>

homem é ser considerado o sujeito com mais transformações corporais do mundo e, assim, adentrar para o Guinness Book. Os cônjuges também afirmaram que almejam apresentar uma diferença da estética exigida pela sociedade. Agora não se pode negar, é impactante ver as fotos do casal, o efeito que conseguem produzir: o de serem capturados pelo olhar do Outro, esses sujeitos não passam despercebidos no laço social.

Orlan<sup>7</sup>, por sua vez, é uma artista francesa que utiliza o próprio corpo como obra de arte, internacionalmente conhecida por criar esculturas, performances, fotografias, vídeos e outros recursos artísticos. Sua metodologia propõe manipular modificações inusitadas através de cirurgias plásticas, recursos tecnológicos, biogenética, etc. Orlan se opõe às mais diversas e massivas formas de dominações que penetram no capitalismo. A obra da artista compõe uma miscelânea de beleza, horror, estranhamentos, liberdade e outras tantas sensações.

No primeiro exemplo, mesmo com algum endereçamento ao Outro, até a própria escolha de um nome que se dirija ao campo social – “Diabão” e “Mulher Demônia” – o que aparenta é um gozo que não cessa de se escrever. No segundo caso, parece haver um efeito político, quiçá sublimatório, a artista declara sua resistência aos discursos dominantes e segregatórios. O meu objetivo obviamente não é analisar o que acontece nas entrelinhas da subjetividade desses sujeitos, pois não teria recursos clínicos para tais interpretações, mas marcar que há diferentes maneiras de se transitar e de um saber-fazer com o corpo no laço social. Para além disso, essas ilustrações comentadas nos parágrafos anteriores me convocaram a retomar uma pergunta: o que tem restado para o sujeito no contemporâneo?

No caso de Mariana, dentro do panorama das suas relações interpessoais, lhe era solicitado formas de ser adolescente, de ser mulher, de ser filha. Da mesma maneira, para transitar em alguns espaços, tal como a igreja, era necessário que seu corpo fosse não libidinizado, não erotizado, não bissexualizado. Em outras palavras, só seria possível estar com

---

<sup>7</sup> O trabalho de Orlan pode ser encontrado no site: <http://www.orlan.eu/>

Jesus sem um corpo ou com um corpo mortificado. Porém, a paciente não obedecia muito bem a essas regras, algo insistia em escapar às imposições e dominação do Outro. Ali onde a subordinação escapava, para mim, era o que engendrava a política de Mariana. Nesta perspectiva, neste capítulo, discutirei alguns aspectos que emergiram da construção do caso clínico: a insubordinação de um corpo e o furo na língua.

#### **4.1 Uma Via de Insubordinação**

Relatarei, ao longo desse primeiro item, alguns recortes clínicos que auxiliem na elaboração dessa discussão. Conforme já destacado em outros campos dessa pesquisa, um dos impasses que Mariana trazia às sessões era o seu sofrimento com a religião. Ela gostava de transitar pela igreja e tinha no pastor uma figura de diálogo e acolhimento. As conversas da jovem com ele sempre aconteciam. Certa vez, a paciente contou que o procurou pois estava apresentando o mesmo sonho, repetidas noites. Nele, algumas pessoas, parecidas com zumbis, invadiam o seu quarto, um desses monstros dizia que ela precisava matar toda essa gente para sobreviver. A adolescente se viu matando as pessoas e acordava não conseguindo mais dormir. Segundo a paciente, o pastor relacionou o sonho com a religião do pai, isso porque o genitor frequentava um centro de umbanda e quando a vivente era pequena ia com ele em algumas reuniões mediúnicas. Como o sonho insistia em retornar, o coordenador da igreja o associou ao pai afirmando que ele havia entregado a “alma dela para o satanás”. Mariana ressaltou que só acreditou na fala do pastor após aparecer umas velas vermelhas na porta da sua casa. Ela ficou intrigada, pois não sabia quem teria deixado as velas no seu portão.

Em uma outra sessão, a adolescente destacou que a sua questão era mesmo com a religião, em seguida fez uma metáfora, a única produzida no tempo do tratamento: “imagina duas pessoas nessa sala, trancadas, sem comida, sem luz, o que você acha que vai acontecer? Para sobreviver, uma terá que matar a outra para que consiga ver o Sol. Eu quero ver o sol. Eu quero construir um caminho”. Por um lado, o sonho relatado ao pastor e a metáfora produzida



em sessão anunciavam o quão perturbador era, para a jovem, separar-se de um Outro, o que já foi descrito anteriormente. No entanto, o que ainda se faz necessário discutir diz respeito ao fato de que, ao mesmo tempo em que esses conteúdos que escapavam no seu discurso apontavam para o insuportável da dependência dela no Outro, eles diziam de um pavor – para sobreviver ao Outro era necessário que esse mesmo Outro não existisse. Ou seja, separar-se deste poderia denotar algo de muito trágico. Essa equação impeditiva, sem saída, denunciava um impasse fundamentalmente Imaginário de Mariana. Por outro ângulo, se a interpretação do pastor em relação ao sonho contado pela paciente dizia que o seu pai havia entregado “a alma dela para o satanás”, dentro da história dos preceitos cristãos, seu corpo seria carregado junto.

Nesse ponto, Barbosa, Matos e Costa (2011) lembraram que, com o advento do cristianismo, alma e corpo foram pensados separadamente, entretanto, a alma prevaleceria sobre o corpo domesticando-o, evangelizando-o. Os autores reafirmaram o corpo cristão vinculado ao pecado e ao silêncio. Os processos que, porventura, causavam dor no corpo alinhavam-se a uma redenção, pois aproximava o humano do sofrimento vivenciado por Cristo no leito da morte. Enfim, a dor glorificava, a dor curava, a dor silenciava os prazeres corporais.

Conforme já descrito em outros campos deste trabalho, um dos pontos de destaque na história de Mariana era o seu impasse entre crer na palavra da igreja, da mãe e tentar questionar essas mesmas palavras, isso era o que demarcava a sua posição do *entre*. Por exemplo, ela acreditava que estaria se orientando pelo caminho incorreto quando a mãe lhe dizia da não obediência às regras do batizado ou mesmo nas conversas com o pastor e a orientação deste para que os princípios da igreja fossem seguidos. Após a sua decisão pelo batismo, se intensificou uma vigília ao seu corpo e ao seu modo de viver. Ainda nessa conjuntura, depois desse ato, o que apareceram nos atendimentos foram fracassadas tentativas de Mariana em manter as regras exigidas, ela até anunciou que retiraria os *piercings* do corpo, o que não aconteceu. Da mesma maneira, houve um aumento nas brigas com a genitora.

Nesse conluio entre os diferentes discursos que atravessavam Mariana, o que se exaltava era o embaraço entre a fragilidade do seu Eu e as exigências de um Outro. Ela dizia que procurava em outras pessoas o amparo que não encontrou no pai. Aparentava, na jovem, que no ponto onde ‘retalhou’, ‘fraquejou’ a transmissão de um nome que fizesse versões de um nome-do-pai, ela se lançava ao suporte religioso, à mãe, ao ex-namorado, entre outros. Essa busca desenfreada ao Outro absoluto parecia sinalizar tentativas de nomeação, como também um recobrimento ao seu próprio desamparo. Nesses termos, no que tange à religião, Freud (1927/1996), em *O futuro de uma ilusão*, contribui no entendimento da lógica do sujeito para com ela. Em primeiro lugar, ele descreveu que as concepções religiosas nasceram da necessidade do homem em se defender das intempéries da natureza. A procura do ser a esses preceitos estaria associada ao complexo de Édipo, no que tange ao pai e ao desamparo. É pela percepção que o desamparo infantil persiste e retorna na idade adulta ainda como desamparo, que o homem estaria à procura de um pai para protegê-lo contra os desastres mundanos.

Como vimos, Mariana era varrida pelos discursos que tentavam dar conta de seu sofrimento a partir de uma “tala” ortopédica em nome da moralidade, isso em conjunto com a sua busca aos preceitos da religião enquanto uma barreira e amarração frágil. Só que essas questões concorriam com a aparição do desejo no seu corpo e sexualidade. Nessa dimensão, poder-se-ia considerar que a retórica a qual a jovem estava inserida a exigia sustentar um corpo padecido, um corpo silenciado. Ou seja, todo corpo que se diferenciava do que era solicitado pela igreja, até mesmo pela mãe, era um corpo execrável, passível a sofrer violências. No entanto, esse corpo execrável é o corpo do *phatos* – da paixão, do sofrimento, da libido, do pecado, da vergonha, do terror, do amor. Sacrificar o *phatos* do corpo é o mesmo que anunciar a morte do sujeito. Ainda que a interpretação dada pelo pastor dissesse da entrega da sua alma ao satanás, seu corpo insistia em se manter vivo, seja por suas intervenções corporais seja na sua bissexualidade, daí o que se apresentava era: aos olhos de muitos o corpo de Mariana era

um “corpo pagão”.

Sobre os aspectos do corpo pagão, Denis Bruna (2001), como citado em Costa (2003), se debruçou no estudo dos *piercings* em diferentes tempos históricos e lembrou que estas marcas corporais estão presentes em todos os períodos da história e inseridas nas diversas culturas. Por exemplo, nos povos africanos a colocação dos *piercings* representa o recobrimento de um corpo nu, o ato de furar e escarificar o corpo atesta a sua existência, semelhantemente, assinala sua identidade, reconhecimento, pertencimento social e religioso. Além disso, algumas marcas simbolizam amuletos de proteção, conforme designado por sua crença. Acontece que com o advento do cristianismo há uma inversão nessa maneira de atestar a identidade e a existência de um corpo. Se antes a implementação de *piercing* não se associava a um viés punitivista, a partir da chegada da era cristã, nas sociedades ocidentais, marcavam-se os corpos relegados da fé. Nesse contexto, as prostitutas, os judeus, os hereges, sujeitos postos às margens da fé imposta pela Igreja Católica, tinham seus corpos marcados e assinalados. Para Costa (2003), foi a partir dessa proibição monoteísta que se percebeu, na atualidade, ainda com mais frequência e intensidade, um retorno do recalcado sobre o próprio ato de furar *piercings* e escrever tatuagens.

Não estaria Mariana, com o seu “corpo pagão”, a restituir um campo de desejo? As marcas de Mariana, em especial os furos dos *piercings*, não nutriram o *phatos* do seu corpo, tornando-o um corpo vivo? A partir desses questionamentos, tornou-se válido pressupor que as intervenções corporais apontavam uma erótica em Mariana. Em outras palavras, a erótica alinhou-se a reconstituir os seus orifícios corporais fazendo-os se inscrever como um corpo pulsional, um corpo vivo. Esse movimento da paciente também costurava uma outra e fundamental operação delimitada pela (re)constituição das suas bordas corporais: a fronteira Eu/Outro. E é nessa rota de construir bordas, como diria Vieira (2007), que a vida acontece. Nesse ponto, se faz operar com a premissa de uma dupla dinâmica de Mariana com o seu corpo,

a saber: o fracasso e a insistência na existência. Parecia haver uma diferença entre a implementação dos *piercings*, as pinturas do cabelo, das outras ações no seu corpo – tais como os murros na parede, o bater-se em si mesma e os próprios *cuttings*. A noção dessa vida que insistia aparentava acontecer em paralelo à constituição das bordas, isto é, na mediação entre o Eu e o Outro. Já as outras manifestações corporais, os murros na parede, os *cuttings*, o arrancar os cabelos e o bater-se em si, atestam um fracasso, um puro gozo do corpo. Isso me fez supor que eram nas flutuações das bordas corporais de Mariana que ela se fazia existir.

Aqui vale retomar alguns pontos já ressaltados. No capítulo 3, foi dito que a constituição subjetiva de Mariana aconteceu pela dimensão imaginária com a sua Mãe-Toda. Eram percebidos resquícios dessa amarração na adolescência, mesmo ela tentando se enlaçar por outras formas de atamentos Simbólicos e Reais. O pensamento que se impôs foi o de considerar que as marcas corporais de Mariana, ainda que fracassassem, a auxiliavam na maciça identificação imaginária com o Outro. Como construído em parágrafos anteriores, mesmo que algumas das suas manifestações no corpo contribuíssem na formação de uma relação impeditiva, claramente imaginária, na qual a jovem se encontrava, seu corpo como borda, emprestado às escrituras, lhe serviram como suporte para pensar o semelhante. Nesse sentido, a suposição levantada foi que as marcas corporais de Mariana, no período da adolescência, permitiram-na fazer-se um pouco mais que o S<sub>1</sub>, o significante do mestre. Tais inscrições corporais a ajudaram na operação de separar-se do Outro, algo tão difícil para a paciente, ou pelo menos auxiliaram-na a contornar para que essa separação não denotasse a pura tragédia da deflagração de uma psicose ou o autoextermínio.

É certo, como já descrito antes, que a repetição dessas intervenções corporais, assim como outras manifestações no corpo atestavam o seu próprio fracasso e, por consequência, o de Mariana. No entanto, o que talvez valha a considerar e refletir, a partir da implicação no contemporâneo, é a reedição de alguns desses comportamentos, por exemplo os *cuttings*, e sua

maior aparição na passagem do adolescer. Para além dos aspectos clínicos que possam ser compreendidos na singularidade de cada caso, não estaria essa juventude a denunciar, tendo o corpo como palco, algum fracasso do coletivo, da sociedade? Na introdução desta pesquisa, eu sinalizei que foi a partir dos inúmeros jovens participantes do jogo da baleia azul que, por aqui, tomou-se maiores providências no cuidado e manejo com esse público.

Mariana foi uma adolescente que iniciou esse *game*, porém não o prosseguiu, inclusive buscou suporte psicológico devido as automutilações. Na interioridade do seu caso clínico, o que acontecia nas bordas de seu corpo permitiram-lhe marcar uma diferença ao Outro absoluto, a fazer-lhe uma barra, um não. Por isso, possivelmente, ainda se notava, na vivente, uma via de insubordinação, um recurso para não se fundir totalmente ao Outro. Para mim, essa via acontecia pelo corpo insubordinado. Nesse cenário, Mariana saiu de uma repetição de *acting-out* a uma produção em ato – o furo na língua. Lacan (1967/1986), no seminário *O ato analítico*, compreende o ato como uma abertura, um transbordamento que por muito tempo não se fechará.

O autor considera que a entrada do paciente em análise, o tornar-se analista e o próprio nascimento da psicanálise são derivados de um ato. Isso implica circunscrevê-lo como propulsor de uma inscrição. Essa inscrição, para Lacan (1967/1986), não é de simples apreensão, no entanto, ela demonstra sua similaridade com o significante. Ou seja, o ato “é colocado como significante” (p.27). Além disso, este “vai colocar seu sentido precisamente no que se trata de atacar, de abalar, seu sentido o abrigo da inabilidade, da falha” (28). Por isso, segundo o psicanalista, todo ato expõe uma transgressão à lei. Portanto, no próximo item, discutirei o furo e as invenções de uma adolescente.

#### **4.2 Aspectos Sobre o Furo: A Singularidade de Uma Adolescente**

O caso clínico “Mariana” me fez deparar com uma adolescente cujo manejo com o seu corpo apontava uma dupla dinâmica, até mesmo uma contradição, ou seja, um corpo subjugado

ao gozo do Outro e ao gozo do corpo, um corpo vivo, insubordinado. O curioso é perceber que nessa trança contemporânea entre os corpos subjugados e os que insistem na insubordinação, na existência, ainda se encontra alguma invenção. De maneira alguma estou afirmando que essa forma de se transitar com um corpo estende a todo e qualquer adolescente. Porém, o propósito aqui é construir uma possibilidade de leitura do que, eventualmente, se pode apresentar nos atendimentos com a juventude, tomando o corpo como um recurso subjetivo. Em Mariana, o que se produziu com e em seu corpo teve valor de amarração.

Nesse sentido, no caso de Mariana, descrevi que o furo na língua promulgou um novo enodamento, ele permitiu um ponto de parada na duplicação das imagens. Se antes o Imaginário amarrava Simbólico e Real, após a transgressão do furo na língua, Imaginário e Simbólico se amarraram. Em outros termos, foi um furo na linguagem, um furo com efeito significante. Agora, para além disto, o que se observou foi uma marcação, operada pelo ato de furar a língua, que apontava um antes e um depois. Isto é, anterior ao que pôde ser fabricado pelo furo, as sessões com a jovem apresentavam a repetida frase: “as pessoas entram na minha cabeça”. Ela relatava o quão difícil era não acreditar e não buscar o saber do Outro absoluto. Após o furo, essa narrativa continuava a ocorrer, só que agora com a inclusão de um novo significante, o “não”. A paciente, então, falava: “eu tenho tentado fazer com que as pessoas **não** entrem tanto na minha cabeça, que eu siga o que eu acho”.

Recapitulando, conforme relatado em outros pontos desta pesquisa, Mariana era absolutamente inadequada nos contextos em que convivia. Por conta disto, muitos xingamentos lhe eram proferidos, “vagabunda, encosto, decepção” eram algumas das palavras pronunciadas, e que muitos dos seus comportamentos se alinhavam a “obra do satanás”, entre outras. O problema era que a paciente se identificava a esses insultos, o que a fazia permanecer em uma posição de resto. A resultante disto era um intenso sofrimento. Depois do furo na língua irrompeu um novo significante, o “não”. A inclusão deste significante esvaziou a maciça

identificação ao Outro. Introduziu-se um “não” na qualidade de marcar um impossível, de instituir a castração. Ele veio carregado do “não” do pai, tão necessário para a subjetivação dos sujeitos. Isto aparentou ter engendrado uma mudança nas modalidades de gozo de Mariana. Ela já não estava tão à mercê do Real do gozo do Outro. Pelo contrário, autorizou-se a perder sua parcela de gozo no gozo do Outro. Isso pode ser mensurado quando a adolescente disse não para o namorado e para a mãe, conforme relatado no item 3.4. A que tudo indica, essas questões possibilitaram à jovem uma abertura rumo a construção de um saber.

Mesmo diante de todas as limitações de Mariana no que tange a errática da vida, com essa nova modalidade de se apresentar frente ao gozo, considerei importante enunciar uma possível inversão na sua posição subjetiva: da subjugação ao Outro à inserção na dinâmica de extração do objeto *a*. Melhor dizendo, a jovem não premeditou o furo na língua, o combinado era assinalar o seu corpo com uma semelhante tatuagem que a mãe desenharia no corpo dela, a escolha de trocar uma intervenção corporal por outra marcou um não ao Outro absoluto. No entanto, cabe enfatizar que o fato de não ter sido premeditado em nada subtrai valor ao que se impôs como desejado. É nesses termos que, para mim, o furo na língua configurou-se como a sua invenção. Esta criação que lhe permitiu perder e se distanciar de uma fração do Outro, aparentou tê-la acendido um campo de desejo. Nesse ponto, vale recorrer à perspectiva de Vieira (2007) e suas construções sobre o furo.

Segundo o autor, desde Freud, o desejo é localizado nas dobras do corpo, em específico, nas zonas erógenas, deparando-se com ele no entorno dos orifícios corporais. Lacan retomou essa teoria freudiana compreendendo a maneira como o objeto *a* circunscribe nos furos do corpo, isto é, o desejo não alcança o alvo *a* não ser pelas beiradas, “pois sua satisfação estará no próprio movimento de seu traçado, contornando e atravessando as bordas dos orifícios do corpo sem realmente neles penetrar” (p.45). Para o pesquisador, essas demarcações de Lacan demonstraram “uma verdadeira erotologia do furo” (p.45). Nas suas palavras

Um verdadeiro furo só o será se for impossível tocar seu fundo. [...] Dito de outra forma, apenas se os buracos do corpo funcionarem como uma abertura para o infinito a superfície corporal anima-se. Lacan acrescenta, assim, a apresentação do impossível à sua definição e distingue, do corpo morto, um corpo necessariamente vivo – aquele que tem em si a presença do infinito por onde a morte deságua na vida e o inominável do gozo distribui-se pelo vocabulário do prazer. (p.46)

Ainda com Vieira (2007), ele lembra que, em Lacan, é o furo quem define a superfície corporal e não o contrário. Retomando o caso de Mariana, até a puberdade, a suposição era que a dimensão imaginária com o Outro e a formação do duplo promoveram uma certa suplência apaziguadora para ela. Porém, na adolescência isso se inverteu. O Outro se tornou invasivo e perturbador. Nesse período, ainda não havia uma clara delimitação entre o Eu e o Outro, Mariana confundia-se nos corpos. O ato de furar a língua promoveu uma parada, uma separação entre o corpo dela e o corpo do Outro. Na cena do furo, presumiu-se que as suas bordas foram (re)editadas e quiçá um campo de desejo se fez escandido: “estou tentando seguir o que eu acho”.

Nessa lógica, testemunhou-se, em Mariana, outros funcionamentos psíquicos que não foram ordenados pela clássica operação simbólica do nome-do-pai. Na infância, sua organização subjetiva ligava-se à dimensão imaginária com o Outro. Esse Outro absoluto que sabia e respondia a tudo a manteve enredada no laço social. Como se sabe, a transmissão simbólica não se operou muito bem, no entanto, mesmo precariamente, essa forma de amarração, por algum tempo, lhe proporcionou uma certa sutura ao Real. Na adolescência, Mariana vivenciou sofrimentos, atuações, pensamentos de morte, inclusive permaneceu na rígida posição de objeto-dejeto de gozo do Outro. Ainda assim, nesse período, via-se na paciente um contraponto ao Outro, a saber, as produções no seu corpo. Essas questões me fizeram refletir sobre a seguinte composição: apesar de Mariana não se arranjar pela ordenação



do nome-do-pai, ela não se reduziu à sua negativa na psicose. Claro, conforme escrito na introdução dessa pesquisa, o meu intuito não é propor uma diagnóstica, porém verificar se sua dimensão corporal promoveu uma amarração dos registros psíquicos.

Mas essas reflexões que apontaram, no caso da jovem, para outros enodamentos mais além do nome-do-pai, me impuseram retomar a leitura sobre as nomações no contemporâneo. No item 1.3, descrevi algumas possibilidades de nomações na singularidade dos casos clínicos. Da mesma maneira, Mariana me colocou a revisitar pesquisadoras como Capanema (2018) e Sanches (2015), pois elas alocaram a adolescência como um período de abertura e de contingência. Vale ressaltar que as ideias dessas psicanalistas foram citadas no item 1.2. Enquanto Sanches (2015), na sua tese de doutorado, debateu as concepções de diferentes autores que localizaram, na passagem do adolescer, uma reedição do complexo de Édipo, Capanema (2018) elucubrou que uma nova forma de enlaçar os registros – um quarto elo que faça uma versão de pai – pode ser concebido pelo sujeito adolescente. Na situação específica de Mariana, ela continuou a se atar por uma amarração ainda que não borromeana<sup>8</sup>: a invenção do furo na língua.

Sem dúvidas, seria difícil mensurar se a jovem necessitará, em algum outro momento, de novos e diferentes enodamentos que também exerçam uma função de nomação. No entanto, me pareceu que o furo lhe permitiu uma nova amarração, ou melhor, essa reparação entre o Imaginário e o Simbólico sustentou um enodamento menos precário no que à antiga dimensão imaginária com o Outro absoluto. Isso porque, após o furo, ao acompanhar as novas narrativas de Mariana que apareceram nos atendimentos clínicos, ela aparentava sinalizar a

---

<sup>8</sup> Guerra (2017), em diálogo com as construções de Skriabine (2006), afirmou que, desde os escritos da topologia borromeana, falhas podem acontecer na maneira como os nós do sujeito são atados. Dessa forma, para que o conjunto dos registros permaneça amarrado, têm-se diferentes modos de atar esse mesmo ponto de falha. Para a autora, isso permite considerar a existência de várias versões paternas capazes de suplenciar a falha do nó. Essa falha do nó pode ser reparada pelo próprio nome-do-pai ou por outras amarrações não borromeanas. Nesse último caso, é interessante distinguir o que promoveu a maneira de amarrar o nó, assim como “a via e o estilo de operação, de amarração, que inclui esses recursos na construção de sua suplência” (p.47)

saída de uma posição do ser “nomeado para” rumo a um tratamento do Outro. Em outras palavras, Soler (2018), no seu resgate a Lacan, destacou a diferença entre o “nomeado para” do “ser nomeado”. O primeiro se restringiria a alienação ao Outro, “é uma espécie de destino prescrito, altamente prescrito, como um chamado ou um impulso vindo do Outro” (p.139). Ele se limitaria a uma total subserviência ao Outro e se reduziria a “tu serás isso ou aquilo” (p.139). Já o “ser nomeado” seria a forma de nomeação que faz barra, que promove um ponto de parada no “nomeado para”. A minha suposição basal, nessa pesquisa, se aliou à compreensão de que esse ponto de parada, o necessário **não** do pai ao Outro, em Mariana, aconteceu pela inscrição do corpo. Como retratou Manoel de Barros: “Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos. Outras de palavras” (p.263). Os ruídos, retratos e atos de Mariana lhe fizeram alguma diferença.

## Capítulo 5

### Da Topologia à Poética De Mariana: Considerações Finais

É possível questionar, a partir da construção do caso clínico “Mariana”, se o Imaginário conseguiria sustentar uma função de nominação, se ele teria condições para tanto. A prevalência do Imaginário não me parece reduzir apenas à adolescente em questão, mas também a outros casos que atravessam o contemporâneo. Em relação a esse inchaço do Imaginário, Brousse (2014) considerou que com a massiva inclusão do discurso científico e sua maneira de monitorar um corpo – através das cirurgias plásticas, pílulas, entre outros – viu-se, com mais potência, a sua fragmentação. Só que isso não aconteceu somente com o corpo, da mesma forma, as imagens do corpo se fracionaram: “o discurso da ciência modificou o corpo fragmentado, no sentido de fragmentá-lo de verdade, mas também modificou a imagem, no sentido de que dissociou a imagem da possibilidade de visão, da percepção visual humana”. (p.12). Ou seja, a narrativa da ciência inverteu a perspectiva da visão humana na interpretação das imagens, o que se personificou foi o olhar das máquinas. Para Brousse (2014), as consequências de tais conjunturas causaram uma disjunção entre o Ideal de Eu e o *objeto a*, assim como o Ideal de Eu com o Eu Ideal.

A longo dos atendimentos com Mariana, considerei que ela esteve enredada no laço social prioritariamente pelos enodamentos que ocorreram pelo Imaginário. De maneira nenhuma isso significou dizer que essa forma de se apresentar e operar subjetivamente era isenta de mal-estares, gozos e sofrimentos. Já descrevi, em pontos anteriores desta pesquisa, que esse inchaço do Imaginário, pelo menos no caso da jovem, culminou em atuações e repetições de ações no seu corpo, isto é, era um corpo subjugado ao gozo do Outro. Ainda assim, a linha que manteve Mariana na métrica da vida aconteceu pela suplência do Imaginário. Mariana, com seus cabelos coloridos, os *piercings* inseridos na sua superfície corporal e a língua furada, encontrava no corpo uma âncora para se separar do Outro, para fazer-se mais

que a fusão quase total a ele. Pode-se dizer que o corpo lhe serviu como um contraponto ao Outro na passagem pela adolescência. Essa foi a sua saída, a forma criada para sustentar a existência e não deflagrar um típico quadro de psicose, decerto que não sem alguns riscos, cortes e furos.

Nessa trança de Mariana com o seu corpo – a subjugação e a insubordinação – ela inventou o furo na língua. Para mim, esse furo teve valor de um novo enodamento, mesmo que na continuação de um atamento pelo Imaginário. Não desconsiderando o quanto possa ser precária uma amarração pelo Imaginário, cabe refletir: outras suplências encontradas pelo sujeito também não registrariam, ainda que por âmbitos diferentes, sofrimentos e mal-estares? Não seria o ‘pessimismo’ na capacidade do Imaginário em atar os registros uma maneira de aludir no centrismo da neurose a máxima da organização subjetiva do ser? Casos como o de Mariana, assim como outros casos encontrados na literatura psicanalítica, sinalizaram distintas possibilidades de nomeações. Conforme já descrito no capítulo 4, a arquitetura subjetiva de Mariana não se ordenou pela operação simbólica do nome-do-pai. Guerra (2017) pressupôs que não é apenas pelo campo do simbólico ou do princípio edípico universal que se produz “soluções ao furo constituído pela ausência do significante do gozo do Outro” (p.50).

Mariana produziu a sua via de se manter no laço social a partir de um redobramento do Imaginário em relação aos outros registros. Histórias como a dela nos convoca a olhar o contemporâneo considerando os vários modos como a existência de um sujeito pode se apresentar. Em outros termos, a observar diferentes formas de nomeações mais além da premissa do Édipo. Ademais, ao ponderar que o seu corpo exerceu uma fronteira entre o Eu e Outro, ele não estaria a serviço de compor um ‘nome-de-eu’? Deixo essa questão em aberto para outras eventuais pesquisas futuras e pelo desejo na continuação do exercício da investigação.

Como escrito em páginas anteriores, a adolescente localizou no seu corpo uma possível

saída que lhe permitiu um ponto de ancoragem na passagem pelo adolescer. É com esses marcos que vou deixando Mariana e me despedindo desta pesquisa. A via encontrada pela jovem foi pelo corpo, eu tenho seguido com as minhas, elas muito colaboram na minha própria existência: o desejo pela pesquisa segue vivo, a construção por uma psicanálise ‘abrasileirada’ e a luta política por dias melhores. Por fim, depositei, nessas últimas linhas, uma música que esteve comigo nessa difícil tarefa de escrever em tempos de pandemia. A música é “samba de benção”, de Vinícius de Moraes (1967), gravada na voz de Maria Bethânia:

“mas pra fazer um samba com beleza é preciso um bucado de tristeza se não, não se faz um samba não. Fazer samba não é contar piada, quem faz samba assim não é de nada, um bom samba é uma forma de oração. Porque o samba é a tristeza que balança, a tristeza tem sempre uma esperança, de um dia não ser mais triste não”.

## Referências

- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. (3ª ed.). Contra Capa.
- Alves, K., Sanches, D., & Luccia, D. (2018). Anomia e declínio da autoridade paterna. In. Safatle, V., Junior, N. S., Dunker (Orgs.). *Patologias do social arqueologias do sofrimento psíquico* (pp.111-140). Autêntica.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M. & Costa, M. E. (2011). *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. *Psicologia & Sociedade*, 23 (1), 24-34. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>
- Barros, M. (2010). *Menino do mato*. Leya.
- Barth, L. F. B. (2008). *O caso metapsicológico: o papel da construção e da ficção em psicanálise*. *Psychê*, 12(22).
- Birman, J. (2015). *O sujeito na contemporaneidade*. Civilização Brasileira.
- Brousse, M. H. (2003). *O inconsciente é a política*. (1ª ed.). Escola brasileira de psicanálise.
- Brousse, M. H. (2014). *Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio de espelho*. *Opção Lacaniana*, 5(15), 1-17.
- Calazans, R., & Bastos, A. (2010). *Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas*. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 245-256. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>
- Capanema, C. A., & Vorcaro, A. (2012). *Modalidade do ato na particularidade da adolescência*. *Ágora*, 15(1), 151-163. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000100010>
- Capanema, C. A. (2018). *Enlaces e desenlaces na adolescência*. Scriptum.
- Capanema, C. A., & Vorcaro, A. M. R. (2019). *Amarração do quarto elo borromeano na clínica adolescente: contingências da paternidade*. *Ágora*, XXII(1), 63-74. <https://doi.org/10.1590/s1516-14982019001007>

- Cardoso, J. P., & Franco, R. E. (2017) A inversão da demanda em um caso de anorexia: do corpo ilegível ao traço de esperança. In C. I. L. Dunker, H. A. Ramirez, & T. C. Assadi (Orgs.) *A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva* (pp. 97-109). Annablume.
- Checchia, M. A. (2015). *Poder e política na clínica psicanalítica*. Annablume.
- Costa, A. (2003). *Tatuagens e marcas corporais: atualização do sagrado*. Casa do psicólogo.
- Costa, A. (2010). *O corpo e seus afetamentos*. *A peste*, 2(2), 313-321.
- Costa, D. M. (2018). Da consolidação judiada pelos sertões ao ato de dar nome: considerações sobre a nomeação no Seminário 2. In A. M. C. Guerra, & A. M. R. Vorcaro (Dir.), *A teoria da nomeação na obra de Jacques Lacan* (pp. 107-114). CRV.
- Dunker, C. I. L. (2017). A garrafa de klein como método para construção de casos clínicos em psicanálise. In C. I. L. Dunker, H. A. Ramirez, & T. C. Assadi (Orgs.) *A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva* (pp. 181-231). Annablume.
- Dunker, C. I. L., & Zanetti, C. E. (2017). Construção e formalização de casos clínicos. In C. I. L. Dunker, H. A. Ramirez, & T. C. Assadi (Orgs.) *A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva* (pp. 23-45). Annablume.
- Dunker, C. I. L., & Ravello, T. (2019). A garrafa de klein como método para construção de casos clínicos em psicanálise. *Ágora*, XXII(1), 99-110. <https://doi.org/10.1590/s1516-14982019001010>
- Dunker, C. (2021). Corporeidade em psicanálise: corpo, carne e organismo. In C. Dunker, H. A. Ramirez, & T. C. Assadi (Orgs.) *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 77-110). Zagodoni.
- Estevão, I., & Hartmann, F. (2020). Relações entre psicanálise e política: os limites do poder

- na prática analítica. In. Birman, J., Fortes, I., Macedo, M (Orgs), *Psicanálise e Política* (135-143). Zagodoni.
- Fédida, P. (1991). *Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica*. Escuta. Companhia das Letras. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In J. Salomão (Dir.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XIII. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)* (pp. 13-167). Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol 17, p 145-152). Imago (Original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996a). Sobre o ensino da Psicanálise nas universidades. *In: Sigmund Freud. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol 17, p 185-187). Imago (Original publicado 1919).
- Freud, S. (1996b). O estranho. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol 17, p 233-269). Imago (Original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996). Psicologia das massas e análise do eu. In J. Strachey (Ed). *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol.18). Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 18, p 245-268). Imago (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In J. Salomão (Dir.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XXI. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (pp. 13-64). Imago. (Original publicado em 1927).



- Freud, S. (1996). Construções em análise. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 22, p. 271-283). Imago (Original publicado em 1937).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In P. C. L. de Souza (Trad.) *Sigmund Freud: obras completas. Vol. 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1301-1905)* (pp. 13-154). (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (2020). A negação. In M. R. S. Moraes (Trad.). *Obras incompletas de Sigmund Freud. Neurose, psicose, perversão* (pp. 305-310). Autêntica. (Original publicado em 1925).
- G1, Santos. (2020, 05 de outubro). 'Diabão' e 'Mulher Demônia' de Praia Grande mostram modificações corporais; veja antes e depois. G1. <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/10/05/diabao-e-mulher-demonia-de-praia-grande-sp-mostram-modificacoes-corporais-veja-antes-e-depois.ghtml>
- G1, Santos. (2021, 07 de agosto). 66 modificações e 85% do corpo tatuado: como Michel Praddo se tornou o 'Diabão'. G1. <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/07/08/66-modificacoes-e-85percent-do-corpo-tatuado-como-michel-praddo-se-tornou-o-diabao.ghtml>
- Garcia-Rosa, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1: sobre as afasias (1891): O projeto (1895)*. Jorge Zahar.
- Guerra, A. M. C. G., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Prefácio Apresentação. In A. M. C. Guerra, & A. M. R. Vorcaro (Dirs.) *A teoria da nomeação na obra de Jacques Lacan* (pp. 11-14). Editora CRV <https://doi.org/10.24824/978854442555.8>
- Guerra, A. M. C. (2017). *Impacto clínico da topologia borromeana no estruturalismo lacaniano*. *Ágora*, XX(2), 35-51. <https://doi.org/10.1590/s1516-14982017001002>

- Guerra, A. M. C. (2010). Psicanálise e produção científica. In. Neto, K. F., Moreira, J. O (Orgs), *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 130-145). EdUEMG.
- Guerra, A. M. C., Figueiredo, A. C., Borçato, L. L., Souza, P. V., & Andrada, C. S. (2008). *Sujeito e invenção: a topologia borromeana na clínica das psicoses*. *Ágora*, XI(2), 283-297. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200008>
- Holanda, F. A. B. (1999). *O dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira.
- Instituto de Psicologia da USP. (10 de abril de 2014). Seminário sobre a Obra de Lacan: A Garrafa de Klein e a dialética entre demanda e desejo na análise [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=TclqvdeC8xg>
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R. S. I*. Tradução não publicada.
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 15: O ato analítico* (Original publicado em 1967).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J Lacan, *Escritos* (pp. 237-324). Jorge Zahar (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J Lacan, *Escritos* (pp. 855-892). Jorge Zahar (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In V. Ribeiro (Trad.) *Outros escritos* (pp. 557-559). Jorge Zahar. (Original publicado em 1974).
- Lacan, J. (2005). *Introdução aos Nomes-do-pai*. Jorge Zahar (Original publicado em 1963).
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23 O sinthoma*. Zahar (original publicado em 1975/1976).
- Le Breton, D. (2012). *O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes* (M. S. D'Agostini, Trad.). *Política & Trabalho*, 37, 33-44.

- Lima, V. M., & Vorcaro, A. M. R. (2019). *Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito?* Tempo Psicanalítico, 51(1), 75-95.  
<https://doi.org/10.21902/RevPercurso.2316-7521.v2i29.3490>
- Lo Bianco, A. C., & Costa-Moura, F. (2017). Inovação na ciência, inovação na psicanálise. *Ágora*, 20(2), 491-508. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002010>
- Macedo, S. (2020). *Alinhavos de tinta: o ato de tatuar-se na narrativa de sofrimento de um jovem adulto* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Uberlândia].
- Macedo, S., & Almeida, M. L. (2019). *As transformações corporais na adolescência através de tatuagens, piercings e alargadores*. Estilos da Clínica, 24(1), 134-146.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i1p134-146>
- Moreira, J. O., Teixeira, L. C., & Nicolau, R. F. (2008). *Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise*. Ver. Latinoam. Psicopat. Fun, 13(4), 585-598. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000400004>
- Oliveira, H. M. de, & Hanke, B. C. (2017). *Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise*. *Ágora*, XX(2), 295-310. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002001>
- Pacheco Filho, R. A. (2010). *Corpo e discurso*. A Peste, 2(2), 297-300.
- Pinto, J. F. (2009). *Uma política de pesquisa para psicanálise*. Revista CliniCaps, 7(1), 1-18.
- Ramirez, H. H. A., & Dunker, C. (2021). O corte e o corpo: intervenções corporais e lesões de órgão. In C. Dunker, H. H. A. Ramirez, & T. C. Assadi (Orgs.) *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 181-186). Zagodoni.
- Ribeiro, C. N., & Guerra, A. M. C. (2018). Notas clínicas e topológicas sobre o nome próprio no seminário 12 “problemas cruciais da psicanálise”. In A. M. C. Guerra, & A. M. R. Vorcaro (Dirs.), *A teoria da nomenclatura na obra de Jacques Lacan* (pp. 147-164). CRV.

- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp.
- Sanches, D. R. (2015). *Discursos diagnósticos pós-lacanianos: dos fundamentos em psiquiatria às teses sobre um novo sujeito*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. (2ª ed. rev.). Autêntica.
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Autêntica.
- Soler, C. (2018). *A querela dos diagnósticos*. Blucher.
- Soler, C. (com Thamer, E.). (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002* (G. Pamplona, Trad.). Ágalma. (Trabalho original publicado em 2003).
- Torres, R. (2010). *Dimensões do ato em psicanálise*. Annablume.
- Vieira, M. A. (2007). “Furos”. *Viso cadernos de estética aplicada*, I(1), 34-51.  
<https://doi.org/10.22409/1981-4062/v1i/29>
- Vorcaro, A. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In. Neto, K. F., Moreira, J. O (Orgs), *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 11-24). EdUEMG.

## Anexo I

### TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “ Subjetividades contemporâneas: é possível falar em Nome-do-pai?”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira alocados no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia .Nesta pesquisa, nós estamos buscando investigar e compreender, a partir de alguns adoecimentos psicológicos atuais, como, por exemplo, os cuttings/automutilação, a subjetividade contemporânea. Isso implica em analisar formas de subjetivar, e conseqüentemente, o que influencia na constituição subjetiva atual. O Termo de Assentimento será obtido pela pesquisadora Isabela Nunes Pizzotti Ferreira na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia Você terá o prazo de uma semana para decidir se concorda com a participação conforme o item IV da resolução 466/12 que baseia a pesquisa com seres humanos. Na sua participação, você será acompanhado pela pesquisadora na modalidade de atendimento clínico, uma vez por semana, na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Será utilizado para a coleta de dados, questões norteadoras que ajudarão na análise dos dados. Além disso, as sessões serão relatadas e as suas produções e evoluções servirão de base para a análise dos dados desta pesquisa. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Os custos do transporte até a Clínica Psicológica serão cobertos pela pesquisa. Os riscos consistem na possibilidade de se precisar de outros profissionais de saúde mental, como, por exemplo, psiquiatra. A instituição onde a pesquisa irá ocorrer não conta com este serviço. No entanto, a pesquisadora se responsabiliza por todos os encaminhamentos que forem necessários no decorrer do atendimento clínico, seja para a rede do Sistema Único de Saúde (SUS), seja para a rede particular. Além disso, um possível risco é a identificação dos participantes da pesquisa, no entanto, a pesquisadora se compromete a usar nomes fictícios no intuito de evitar ao máximo a quebra do sigilo. Os benefícios serão a melhora do sintoma cutting/automutilação e, por ventura, outros sintomas. Além disso, a pesquisa visa propor maneiras de intervenção e cuidado para pessoas que apresentem o sintoma estudado por esta pesquisa. Caso necessário, a pesquisadora garante a continuação do atendimento clínico, sem custos, por tempo indeterminado. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser. Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: João Luiz Leitão Paravidini e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira, pelo Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia: Av. Pará, 1720, bloco 2C sala 34, Campus Umarama – Uberlândia/MG, 38400-902; telefone: (34)32258506. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

-----  
Rubrica do Participante da pesquisa

-----  
Rubrica do Pesquisador

## Anexo II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Como responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada “ Subjetividades contemporâneas: é possível falar em Nome-do-pai?, sob a responsabilidade dos pesquisadores Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira alocados no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa, nós estamos buscando investigar e compreender, a partir de alguns adoecimentos psicológicos atuais, como, por exemplo, os cuttings/automutilação, a subjetividade contemporânea. Isso implica em analisar formas de subjetivar, e conseqüentemente, o que influencia na constituição subjetiva atual. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Isabela Nunes Pizzotti Ferreira na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia . Você terá o prazo de uma semana para decidir se concorda com a participação conforme o item IV da resolução 466/12 que baseia a pesquisa com seres humanos. O(a) menor, sob sua responsabilidade, estará submetido à presença da pesquisadora na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, durante seis meses, uma vez por semana, nos dias e horários indicados pela família, acompanhando sua rotina diária. O participante será acompanhado pela pesquisadora na modalidade de atendimento clínico, uma vez por semana, e as produções e evoluções das sessões do atendimento servirão de base para a análise dos dados desta pesquisa, assim como algumas questões norteadoras que serão utilizadas. Em nenhum momento, nem o(a) menor nem você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua será preservada. Nem ele(a) nem você terão gastos nem ganhos financeiros por participar na pesquisa. Caso percebamos intercorrências maiores, haverá espaço de escuta e encaminhamento para outros profissionais, como, por exemplo, caso necessário, profissionais de psiquiatria enquanto durar este estudo, sem ônus aos participantes dela, oferecida pela pesquisadora Isabela Nunes Pizzotti Ferreira, sob supervisão do Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini. Outro risco possível é a identificação do(a) participante. Desta forma, para minimizar essa possibilidade, será utilizado um nome fictício no lugar de seu nome real. O benefício direto em participar da pesquisa será a melhora do sintoma cutting/automutilação e, por ventura, outros sintomas. O benefício indireto será o de poder contribuir para a pesquisa brasileira sobre os sintomas contemporâneos, como também na condução de casos clínicos propondo maneiras de intervenção e cuidado a essas pessoas. Você é livre para retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. O(A) menor sob sua responsabilidade pode se recusar a continuar participando da pesquisa, se manifestando verbalmente ou por meio de gestos, que indiquem esse desejo. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: João Luiz Leitão Paravidini e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira, pelo Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia: Av. Pará, 1720, bloco 2C sala 34, Campus Umuarama – Uberlândia/MG, 38400-902; telefone: (34)32258506. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, .....de..... de 20.....

---

Assinatura dos pesquisadores

Eu, responsável legal pelo(a) menor \_\_\_\_\_ consinto na sua participação na pesquisa citada acima, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa.

## Anexo III

Portal do Governo Brasileiro

 [principal](#) [sair](#)

[Público](#) [Pesquisador](#) [Alterar Meus Dados](#) Isabela Nunes Pizzotti Ferreira - Pesquisador | V3.2  
Sua sessão expira em: 38min 03

Cadastros

### DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

**DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Subjetividades contemporâneas: é possível falar em Nome-do-pai?  
Pesquisador Responsável: João Luiz Leitão Paravidini  
Área Temática:  
Versão: 2  
CAAE: 21366719.0.0000.5152  
Submetido em: 31/10/2019  
Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG  
Situação da Versão do Projeto: Aprovado  
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável  
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_1417241

## Anexo IV

### DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Declaro estar ciente que o Projeto de Pesquisa intitulada “ Subjetividades contemporâneas: é possível falar em Nome-do-pai será avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos Participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Autorizo os(as) pesquisadores(as) João Luiz Leitão Paravidini e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira a realizarem a(s) etapa(s) de coleta de dados no formato de atendimento clínico psicoterápico, pelo período de seis meses, utilizando-se da infra-estrutura desta Instituição.

*Ricardo Wagner Machado da Silveira*

Nome do responsável pela Instituição

*Coordenador do CEPs*

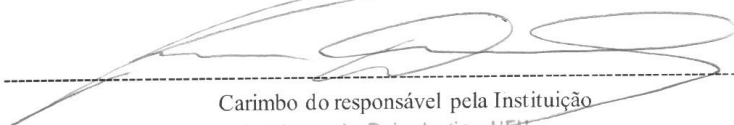
Cargo que exerce

*INSTITUTO DE PSICOLOGIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA*

Nome da Instituição

*30/8/2019*

Data da assinatura.



Carimbo do responsável pela Instituição

Instituto de Psicologia - UFU  
 Prof. Dr. Ricardo Wagner Machado da Silveira  
 SIAPE: 2229269  
 CRP: 04/9719